UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
ESPECIALIZAÇÃO EM MODA, CULTURA DE MODA E ARTE

Ana Paula Dessupoio Chaves

A MODA NO BRASIL NOS PERIÓDICOS DO SEGUNDO REINADO

Juiz de Fora
2014

Ana Paula Dessupoio Chaves

A MODA NO BRASIL NOS PERIÓDICOS DO SEGUNDO REINADO

Monografia apresentada ao Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte.

Orientadora: Profª. Draª. Maria Claudia Bonadio

Juiz de Fora

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Chaves, Ana Paula Dessupoio .
A moda no Brasil nos periódicos do Segundo Reinado / Ana Paula Dessupoio Chaves. -- 2014.
53 f. : il.

Orientadora: Maria Claudia Bonadio
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte, 2014.

1. A Estação. 2. O Espelho. 3. Jornalismo. 4. Moda. 5. Mulher. I. Bonadio, Maria Claudia , orient. II. Título.

Ana Paula Dessupoio Chaves

A MODA NO BRASIL NOS PERIÓDICOS DO SEGUNDO REINADO

Monografia apresentada ao Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte.

BANCA EXAMINADORA

Maria Claudia Bonadio – UFJF (Orientadora Acadêmica)

Fernando Hage Soares – UNAMA

Mariana Tavares Rodrigues – UNA

Examinado em: 14/07/2014.

A meus pais que tornam meus dias mais significativos.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, sempre linda, com as melhores palavras nos momentos certos.

A meu pai, meu grande conselheiro e amigo.

A minhas queridas irmãs presentes em cada instante e sendo os melhores exemplos de generosidade.

A minha orientadora Maria Claudia que foi muito atenciosa e dividiu parte do seu conhecimento comigo.

A minha família, amigos que me apoiaram e torcem para que eu alcance todos os meus objetivos.

“A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos nas pontas das palavras”.

ROLAND BARTHES

RESUMO

No Rio de Janeiro durante o Segundo Reinado havia dois jornais: “A Estação”, feito em Berlim e “O Espelho”, desenvolvido na própria cidade carioca que tiveram um papel importante na divulgação da moda, trouxeram assuntos que envolviam a cultura em geral e o cotidiano. Ambos traziam uma coluna de moda que abordava principalmente novidades de Paris, que ditava o que deveria ser usado e estar inserido no contexto de civilização. Pesquisar dois periódicos, criados em dois lugares diferentes facilita na comparação de suas colunas e estruturas para assim perceber se a moda absorvida era simplesmente copiada da capital francesa ou se havia a preocupação de adaptação dela para os costumes, clima e modelagem das brasileiras.

Palabras -chave: “A Estação”. “O Espelho”. Jornalismo. Moda. Mulher.

ABSTRACT

In Rio de Janeiro during the Second Empire had two newspapers "The Station", made in Berlin and "The Mirror", developed in Rio city itself played an important role in fashion divulgation, brought matters involving the culture and daily life in general. Each carried a column fashion which mainly dealt news from Paris, dictating what should be used and be placed in the context of civilization. Find two journals, created in two different places facilitates the comparison of its columns and structures. So to see if fashion was absorbed simply copied the French capital or if the concern was her adaptation to the customs, climate and modeling of the Brazilian.

Keywords: “Station”. “The Mirror”. Journalism. Fashion. Woman.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: Matéria da Revista Veja 10
Imagem 02: Cabeçalho “A Estação” 26
Imagem 03: Catálogo de moda 27
Imagem 04: Parte literária 28
Imagem 05: Belas Artes 30
Imagem 06: Anúncios 31
Imagem 07: Capa “O Espelho” 35
Imagem 08: Revista de Theatros 37
Imagem 09: Chronica da Moda 40
Imagem 10: Imagens do catálogo de moda 41
Imagem 11: Catálogo de moda 42
Imagem 12: Chronica Elegante 45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 A MODA NO BRASIL DO SEGUNDO REINADO 13
3 IMPRENSA 18
3.1 A IMPRENSA FEMININA 19
4 A ESTAÇÃO 24
4.1 O ESPELHO 34
5 CHRONICA DA MODA 40
5.1 CHRONICA ELEGANTE 45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 49
REFERÊNCIAS 52

1 INTRODUÇÃO

Em 2010 no início do curso de Jornalismo tive contato com uma matéria com o título “O escritor da moda”, do jornalista Jerônimo Teixeira, que foi publicada na revista “Veja” e que tratava sobre o livro “O altar e o trono” do autor Ivan Teixeira, então recém-lançado. Naquele tinha por objeto o jornal “A Estação”, publicado no Brasil entre 1872 a 1904,no qual Machado de Assis colaborou durante alguns anos com textos literários. Como era um periódico de moda e voltado para o público feminino me chamou atenção e resolvi ir mais afundo no tema.

Imagem 01: Matéria da Revista Veja

Livros

O escritor da moda

Uma análise renovadora de Machado de Assis mostra a importância de um jornal feminino para a composição de *O Alienista*

JERÔNIMO TEIXEIRA

Como muitos grandes escritores, Machado de Assis (1839-1908) tornou-se o centro de um culto — um culto laico, mas nem por isso desprovido de sua mitologia. A lenda machadiana, em sua versão mais corrente, fala de um homem dividido. Na face pública, era um discreto e acomodado funcionário público, fundador da Academia Brasileira de Letras, saudado por seus pares como o grande mestre das letras nacionais. Um verdadeiro “medalhão”, para usar o termo de um de seus contos. O escritor, porém, pairava além e acima desse figurino convencional: um demônio da crítica social, foi o flagelo da elite monárquica — que, tão perversa quanto estulta, jamais compreendeu a arte irônica e dissimulada cozida em obras como *Dom Casmurro*. Em ***O Altar & o Trono*** (Aleph/Unicamp; 432 páginas; 79 reais), Ivan Teixeira, professor de literatura brasileira da Universidade do Texas, em Austin, procede a um minucioso exame de *O Alienista*, uma das obras mais conhecidas de Machado de Assis, e das circunstâncias de sua publicação em um jornal feminino do Rio de Janeiro (sim, o gênio imortal escreveu para uma folha de modas). Concluiu que Machado de Assis nunca foi o revolucionário escondido no armário que certos críticos criaram. Sua literatura, ao contrário, ecoava idéias de parte considerável da elite do tempo. Machado de Assis, o integrado: eis aí uma afirmação que soará como heresia naqueles meios acadêmicos dominados pela leitura ideológica de Machado, especialmente aquela proposta pelo crítico marxista Roberto Schwarz. Não é a única inovação de *O Altar & o Trono*, obra que desde já se destina a ser referência incontornável na bibliografia machadiana.

“Tudo o que se supunha corrosivo e destrutivo na obra de Machado de Assis estava na verdade integrado ao projeto de um grupo liberal”, disse Teixeira a VEJA. Nessa perspectiva, a literatura de Machado fornecia a face estética às propostas de uma turma que incluía, entre outros, Joaquim Nabuco, Saldanha Marinho, Quintino Bocaiúva e o Visconde do Rio Branco. Os mais extremados derivariam para a causa republicana; Machado e Nabuco pretendiam apenas uma monarquia constitucional, livre da mácula vergonhosa do escravismo. Na interpretação de *O Altar & o Trono*, *O Alienista* incorpora, pela via da sátira e da alegoria, uma das bandeiras do grupo: o estado laico. A história de Simão Bacamarte, o médico que abre um asilo de loucos em Itaguaí, interna quase toda a população da cidade e acaba ele mesmo abrigado em seu hospício, tem sido lida como uma crítica a certas correntes científicas do século XIX. Ivan Teixeira procura demonstrar que o alvo de Machado é mais circunstancial: a disputa entre Bacamarte e o padre Lopes seria uma versão alegórica e satírica da chamada Questão Religiosa, disputa entre a Igreja e o Império que abalou o Brasil nos anos 1870. No auge da querela, dois bispos que se recusaram a se submeter à autoridade civil foram presos — mas, por pressão da Igreja, acabaram anistiados. O recuo do imperador dom Pedro II — uma triste derrota para o grupo liberal — é espelhado no melancólico fracasso de Bacamarte diante das maquinações do padre, no final de *O Alienista*. A alegoria de Machado de Assis destila também uma profunda desconfiança em relação às revoluções populares, o que é outro ponto incômodo para os que desejam um Machado marxista. “Muitos têm dificuldade para admitir que Machado não tinha uma concepção revolucionária da história”, diz Teixeira.

O Alienista foi publicado, de forma seriada, entre outubro de 1881 e março de 1882 no jornal quinzenal *A Estação*, com o qual Machado de Assis colaborou por dezenove anos (é possível, aliás, que os elogios anônimos a livros de Machado publicados no mesmo jornal fossem obra do próprio escritor). Tratava-se, basicamente, de um jornal de moda: seu maior atrativo eram os figurinos de Paris estampados em belas gravuras coloridas. Ivan Teixeira fez um exame amplo desse jornal — e desfez um velho lugar-comum: o de que Machado só escrevia para essa folha de senhoras para ganhar uns trocados, sem nenhum comprometimento com sua linha editorial. *A Estação*, na verdade, era a ponta de lança liberal junto ao público feminino. Pretendia formar leitoras cultas e elegantes. Defendia até o comedimento no consumo da moda — quatro ou cinco conjuntos, recomendava, bastariam para compor um figurino impecável. O conselho encontra eco em *O Alienista*: a mulher de Bacamarte é internada no hospício do marido por sua vaidade — em viagem ao Rio, comprou nada menos que 37 vestidos. Machado de Assis não escrevia para os leitores virtuais do futuro: desejava atingir as 10000 senhoras que assinavam *A Estação*. E essas leitoras, afirma Teixeira em um momento provocador de seu livro, provavelmente estariam mais aparelhadas para entender *O Alienista* do que a média dos professores universitários de hoje. “Todo artista, para falar com a posteridade, tem de primeiro falar com seus contemporâneos”, diz Ivan Teixeira. Machado de Assis foi um incomodável homem de seu tempo. E sobreviveu a ele.

IDEIAS NO SEU EXATO LUGAR *Machado de Assis: ele conferia a face estética às propostas da elite liberal do Império*

CULTURA ELEGANTE A Estação (acima) e uma de suas requintadas gravuras: suas leitoras entendiam Machado melhor do que os professores universitários de hoje

Fonte: TEIXEIRA, 2010, p. 184.

Consegui conversar com o autor da matéria Jerônimo Teixeira e posteriormente depois de muitas pesquisas obtive o contato do autor do livro. Troquei alguns e-mails com Ivan Teixeira e comprei seu livro. A partir de leitura me apaixonei pela considerada revista ilustrada “A Estação”, fui até o Rio de Janeiro buscar mais informações e descobri que ela estava digitalizada na Biblioteca Nacional. Então comecei a dar início ao meu artigo de finalização do meu curso de graduação.

No artigo analisei a estrutura do periódico e a importância dele como instrumento de informação para as mulheres do século XIX. Em 2013 quando cursava a pós graduação em Moda, Cultura de Moda e Arte, ao ter de escolher um tema para a realização da Monografia de Final de Curso optei por continuar esse estudo, porém abordando o jornal sob o aspecto da moda, dando mais ênfase a coluna que trazia questões de comportamento e uma moda vinda de fora. Para ter a possibilidade de realizar uma comparação com outro periódico, busquei no site da Biblioteca Nacional outro periódico veiculado durante o Segundo Reinado e que tivesse uma coluna fixa de moda, encontrei o jornal “O Espelho”, publicado em 1859. Apesar de 20 anos de diferença no surgimento em relação “A Estação” estava também digitalizado, o que facilitou no acesso, e que possuía também uma coluna de moda, assim a comparação tornou-se mais efetiva.

O presente trabalho é dividido em seis capítulos, sendo o primeiro, denominado “A moda no Segundo Reinado”, no qual trato sobre o contexto do Segundo Reinado no Brasil, que vai de 1840 a 1889, período em que os jornais circularam. Fase em que corresponde o governo de D. Pedro IIexploro a situação econômica, política e social do país para que compreenda em que situação os brasileiros estavam e viviam.

No próximo capítulo, denominado “Imprensa” descrevo o papel da imprensa no século XIX, os jornais brasileiros traziam principalmente muita crítica com bastante humor. Eram textos que tratavam na maioria das vezes de política e economia. Uma imprensa que tinha uma grande liberdade de expressão e a linguagem era bem pessoal composta pela opinião do autor.Com a difusão dos veículos, o público feminino se mostra como fieis leitoras o que faz com que haja uma maior atenção com textos voltados para elas.

No capítulo 3 mostro que começa a aparecer veículos específicos para as mulheres, à imprensa feminina desenvolvia conteúdos que agregavam conhecimento para elas. Um dos assuntos que foi agregado aos jornais foi a moda, era um modo das pessoas terem acesso as novidades vindas de Paris.

Já no capítulo 4, o foco são os periódicos “A Estação” e “O Espelho”. O primeiro era produzido em Berlim uma versão brasileira da revista Die Mondwelt e vinha traduzida para o Brasil. Circulou de 1879 a 1904 e foi fundada por Henrique Lombaerts,tinha uma seção de moda que era composta por uma crônica que descrevia as novidades vindas da capital da França e tinha uma seção de literatura

que era exclusiva do jornal brasileiro. Um veículo que era voltado para a família principalmente para as mulheres.

Já“O Espelho”foi produzido no Rio de Janeiro falava de economia, política e moda. Com uma duração menor, aproximadamente seis meses, também foi muito importante para trazer notícias não só da sociedade carioca, mas também de Paris. Teve a colaboração de autores brasileiros, como por exemplo, Macedo Júnior, Casimiro de Abreu, José de Rocha, que tentavam inserir em seus textos aspectos do cotidiano para dar mais identidade ao jornal brasileiro. O design era mais simples, sem imagens, porém a parte textual era bem coerente com o público alvo.

No capítulo 5 trato das colunas de moda dos jornais apontados. “Chronica da Moda” do jornal “A Estação” vinha traduzida de Paris e era também a capa do periódico. Além do texto vinha com uma grande imagem que retratava o assunto que estava sendo contado. Ela era bem detalhada e geralmente passava a ideia de como as mulheres deveriam se comportar para serem consideradas parte daquela sociedade.

No mesmo capítulo, trato ainda da “Chronica Elegante” que pertencia ao jornal “O Espelho” era escrita no Brasil, entretanto a influência francesa está presente de maneira bem incisiva. O espaço não tinha imagens, porém o texto era tão descritivo que era possível criar uma imagem na mente e visualizar o que estava sendo dito.

A partir das duas colunas fiz uma análise de como a moda vinha para o Brasil, como as brasileiras recebiam as novidades vindas de Paris. Na intenção de perceber se os autores tinham a preocupação de adaptar as novidades ao contexto tropical.

2 A MODA NO BRASIL DO SEGUNDO REINADO

Este trabalho aborda o contexto do Segundo Reinado (1840-1889) período que conferiu ao Brasil certo grau de desenvolvimento para as cidades, em todos os aspectos, inclusive no cultural. Este momento na História do Brasil teve início após o Golpe da Maioridade no dia 23 de julho 1840 em que D. Pedro II assumiu de fato o poder como chefe de Estado, aos 14 anos.

Apesar do sentimento de crescimento, e estruturação, as cidades também sofreram com problemas que envolviam a qualidade de vida da população. Era um cenário conturbado, onde o desejo por mudanças, em vista da modernização estava constantemente presente. Sob o comando do Imperador D. Pedro II, tudo que levava para o caminho de uma civilização estruturada tinha incentivo.

A modernização estava atrelada ao sentimento de evolução do Brasil no sentido de comportamento, aspectos que mudariam a vida dos indivíduos, alguns deles foi o crescimento da economia cafeeira, e com o incentivo da indústria o café se tornou o principal produto do país e fez com que houvesse o deslocamento do centro econômico do país do nordeste para o sudeste. Situações que foram relevantes para o desenvolvimento. O moderno também estava ligado a romper com a cultura nativa e absorver hábitos europeus o que não seria tão simples.

“O período que vai de 1870 a 1902 foi considerado pelo geógrafo Maurício Abreu como a primeira fase da expansão acelerada da malha urbana do Rio, o que indica que os problemas vividos na cidade também aumentam de proporção” (SANTOS, 1998, p. 24). Foi um momento de muitas mudanças políticas. O Rio de Janeiro era a capital do Segundo Reinado e a capital dos primeiros tempos da República, um local que viveu contradições, afinal, tudo era ainda testado e experimentado.

Paradoxos que estavam presentes na luta pelo abolicionismo, porém na prática não beneficiava todos; a disputa entre partidos, como os conservadores e liberais, em que interesses pessoais se tornavam superiores aos coletivos.A sociedade brasileira do período dizia-se liberal e progressista, mas encontrava-se paradoxalmente organizada em torno de um sistema fortemente escravocrata. Mesmo com a abolição no final do século não foi suficiente para que a sociedade aceitasse como cidadãs as pessoas que eram tratadas como mercadorias, a desigualdade social aumentou. Buscavam-se argumentos que levariam a

modernidade, no entanto a realidade ainda era bem precária, um país agrário que queria interiorizar a cultura europeia.

Vale ressaltar que era um contexto de mudança do regime político e a busca de alguns pela extinção da escravidão marcava a sociedade senhorial. Em 1871 A Lei do Ventre Livre já entrava em vigor, tornou livres os filhos de escravos, o que já foi um grande avanço para aquela sociedade.

A idealização de crescimento vinha atropelada de uma cultura já existente, de atitudes que seriam difíceis de serem modificadas. Era uma questão que ainda iria durar algum tempo para que pudesse realmente viver e sentir o progresso. A vontade de evoluir não era ainda superior aos costumes. A escravidão era um tema debatido constantemente, porém queriam por um fim, achando que seria algo simples de ser feito. Só que a partir do momento em que aquele hábito já estava introjetado no cotidiano das pessoas dificilmente esta conquista seria rápida e superficial.

> Tributado, julgado, comprado, vendido, herdado, hipotecado, o escravo precisava ser captado pela malha jurídica do Império. Por esse motivo, o Direito assume um caráter quase constitutivo do escravismo, e o enquadramento legal ganha uma importância decisiva na continuidade do sistema: ao fim e ao cabo, a escravidão desaba de um dia para o outro – de 13 para 14 de maio de 1888 -, quando uma lei de quatro linhas revoga seu fundamento jurídico (ALENCASTRO, 2002, p.17).

Não eram todos que queriam o abolicionismo, parte da população que seguia o pensamento liberal buscava o fim do regime escravocrata com a ideia de igualdade de todos perante as leis. É claro que era conveniente que os negros fossem libertados por uma questão política, e um dos motivos era que poderiam trabalhar como assalariados e teriam dinheiro para o consumo de produtos, assim moveriam mais a economia do país. Havia ainda os senhores de grandes terras que eram a favor da mão de obra escrava, afinal era barata, estes não se preocupavam com os direitos sociais, pois a escravidãoos beneficiava e não viam com bons olhos a mudança.

A cidade estava vivendo um momento de grande crescimento e desenvolvimento. “Em 1872, por exemplo, o Rio de Janeiro contava com uma população em torno de 274.972 habitantes, sendo que 84.288” (OLIVEIRA, 2011, p. 159).

A urbanidade era sinônimo de civilidade e foi sendo percebida pela elite que era preciso o crescimento nos aspectos não só econômicos como de qualidade de vida: reforço no saneamento básico, investimento em saúde, artigos e trajes de luxo já podiam ser consumidos de maneira mais fácil, pois já estavam disponíveis no país. A melhora nas relações comerciais e outros fatores que contribuíram para tornar a cidade ainda mais atrativa. “Somava-se a isso o fato de a cidade, como sede do governo, ter recebido figuras da nobreza, ministros e funcionários burocráticos que precisavam encontrar aqui os produtos que estavam habituados a consumir em Portugal” (RAINHO, 2002, p. 51).

Levando em consideração a situação econômica do Brasil a partir de 1879 o governo estimula pequenas fábricas a produzir tecidos grossos que iriam concorrer com importados da Inglaterra. Uma maneira de tentar arrecadar mais renda para o país e se tornar mais competitivo.

> Se, em 1866, o Brasil possuía nove indústrias têxteis e, em 1875, trinta, esse número chega a quarenta e oito em 1882. Concentradas especialmente na Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, fabricavam então vinte milhões de metros de tecido. Com o Encilhamento (1890/91), vem a primeira crise: o uso indiscriminado de crédito e as flutuações cambiais deixam as indústrias em dificuldades. – desvalorização cambial (HEYNEMANN et al. 2009, p. 36).

O consumo de mercadorias e a moda eram dimensões que a sociedade considerava que faziam aproximar da ideia de modernidade. O fetiche da mercadoria, o desenvolvimento da cidade e o surgimentoda iluminação a gás, beneficiaram a vida noturna, era possível ver com mais clareza as roupas, o que aumentou a vida social, aspectos que foram essenciais para a aceitação e compra de produtos.

Os códigos acabaram ajudando na constituição de uma identidade brasileira e a moda foi um setor que fez parte do processo civilizador. “Nesse período, e dentro de um processo amplo de europeização dos costumes, a moda adquire uma função capital, tornando-se elemento caracterizador de uma sociabilidade moderna e marca de distinção social” (RAINHO, 2002, p. 44). A moda também serviu de grande instrumento para o crescimento da economia, em consequência ajudou no desenvolvimento do país. O consumo de trajes teve um grande aumento, afinal a elite queria se vestir como a corte, era o reflexo da forma correta e elegante de se portar.

O sentimento de transformação estava presente na consciência dos brasileiros, afinal o século XIX a visão de civilização era a França e a Inglaterra. A ideia era buscar o que havia de melhor em cada país e trazer para estes costumes para o Brasil. A população ainda por volta de 1890 tentava mudar suas crenças e dogmas, a dificuldade era a mudança de valores que já estavam enraizados na sociedade.

No Segundo Reinado, as festas em clubes e salões eram os locais de ideias para a observação de estilos de roupas e para a propagação da moda estrangeira. Em se tratando da alta sociedade do Rio de Janeiro a moda servia como objeto de distinção, para se separar se tornar diferente dos outros grupos sociais e era um aspecto distintivo que revela uma vontade de se mostrar diferente como indivíduo portador de uma personalidade e gostos.

> Partindo desse processo de assimilação dos padrões ingleses e franceses de vestimenta ou da europeização dos trajes que se acentuou sobretudo no Segundo Reinado, Freyre aborda diversas questões referentes à moda. Dentre elas, as mais significativas são a deformação do corpo feminino com a adoção do espartilho e a condenação dos médicos a essa prática; a inadequação dos trajes europeus, que possuíam cores, formas e tecidos impróprios ao clima tropical; a diferenciação no papel das roupas para os homens e as mulheres, apronfundada no século XIX; as exigências do espaço público que obrigavam as mulheres a andar bem vestidas e cuidadas na rua, ao passo que em casa mal se distinguiam das “mulheres mucambos”, e, ainda a superornamentação masculina (RAINHO, 2002, p. 37).

Ao mesmo tempo em que a moda integra, serve de niveladora. O indivíduo pode se tornar parte de um grupo, confundindo-se com aquele estilo que lhe dá segurança. Os grupos tentavam chegar próximo dos dominantes, afinal refletia a ideia de superioridade, e sentiam a necessidade de imitar. Vai ficando difícil a distinção de classes apenas pelo exterior. “(...) aqueles a quem o alto nascimento já conferia prestígio suficiente se desinteressam desses meios de afirmação a que se entregam sofregamente os plebeus” (SOUZA, 1993, p. 132).

O status, os novos valores que a sociedade absorvia combinavam para que as mudanças da moda ocorressem de maneira acelerada. A burguesia buscava a inovação da moda, acompanhava questões relacionadas ao custo, materiais, de modo a se sentir parte daqueles novos habitantes que possuíam gostos mais bem aceitos naquele contexto. Mesmo com a presença de lojas, a figura do costureiro torna-se importante a partir do momento em que ele passa a desenhar vestidos para

as clientes. “(...) “o vestido exclusivo tinha de se diferenciar decisivamente da imitação vulgar; o estilista tinha que se transformar num artista””(HEYNEMANN et al. 2009, p. 40).

Paris historicamente desde o século XVII esteve relacionada com a moda e é considerada umas das capitais que lançam tendências para o mundo todo. A cidade foi o berço da alta costura, do prêt-à-portere teve grandes estilistas. O que era vislumbrado como civilização era o que vinha da Europa, assim era esquecido o sentimento de inferioridade, só o consumo desses produtos, dessa cultura, já fazia a sociedade de sentir parte daquele contexto. A ideia de província permanecia na mente dos brasileiros, não viam o que era produzido no país como algo de qualidade.

A Françaera o centro que irradiava a moda e as novidades vinham de lá. O país soube usar a moda como um dos principais produtos da economia e como no Brasil ainda não tinha uma produção de vestuário, então apareceu o desejo da sociedade carioca em consumir os novos hábitos. Eles eram difundidos pela imprensa que trazia as informações através de textos, imagens e anúncios.

Os jornais eram veículos em que a população poderia ter acesso a informação de maneira mais precisa. Eles traziam dicas de moda, modelagem, costumes e literatura. Era a forma mais próxima de saber o que estava sendo usado na França, por exemplo, e poder ter acesso àquelas tendências. Como ainda não havia sido percebido que tínhamos conteúdo de moda a ser explorado, os jornais e colunas de Paris serviram de referência. Obviamente que era isso que queriam consumir de leitura de forma a acrescentar o que era dito no cotidiano. Uma imposição tímida que absorviam sem perceber que estavam na verdade adotando uma nova cultura.

3 IMPRENSA

No Brasil do século XIX, o grande meio que serviu de disseminador de informações foi à imprensa, mais especificamente o jornal e a revista. “Em 1827, foi instalado um serviço regular de vapores entre Rio e Santos; em 1839, todas as províncias marítimas eram ligadas por navegação a vapor. Essa circunstância ajudou a imprensa que estava nascendo” (BUITONI, 1986, p. 37).

A imprensa do Segundo Reinado foi caracterizada pela liberdade de expressão. Era um espaço essencial para expor opiniões, ideias, pensamentos, gostos. E com isso foram surgindo diversos jornais que tratavam de diferentes temas, assim buscavam atender um público abrangente e com interesses em assuntos diversificados.

No início os periódicos ainda tinham um caráter muito pessoal em sua linguagem, escreviam de forma parcial sem muita preocupação em passar um fato com dados, mas o ponto de vista estava muito presente. “No século XIX, a imprensa em geral, no Brasil, era bastante artesanal e de cunho opinativo. O caráter noticioso pouco existia nos jornais de então” (BUITONI, 1986, p. 41). A divulgação e a venda desses jornais aumentaram muito quando eles começaram a ser vendidos em lojas e livrarias, assim não havia mais a dependência do correio, as notícias chegavam rápidas aos lares.

Os periódicos então se tornaram importantes veículos para os anúncios públicos. Outra novidade foram as revistas ilustradas, que através de imagens ajudavam a construir a narrativa jornalística. Elas favoreceram a renovação da cultura visual do país. “No Segundo Reinado, porém, a introdução da técnica, aumentando a escala de reprodução da página impressa, mas, sobretudo, facilitando a integração entre texto e imagem na composição gráfica, o que constituía um dos maiores desafios para a empresa gráfica da época” (KNAUSS, 2011, p. 12).

Na sociedade capitalista do século XIX, a ideia de progresso estava ligada também a abundância de material, quem tem mais é considerado mais bem sucedido. O consumo é grande e os jornais ajudam a disseminar essa cultura. Ao aliar no periódico: texto, diagramação, ilustração com as estruturas do discurso ajudavam a criar a retórica de persuasão para os leitores se sentirem mais perto do civilizado.

Os homens eram os principais leitores por ser a maior parcela letrada da sociedade. No entanto as mulheres também tinham acesso aos textos e as que eram alfabetizadas viraram fieis leitoras. “(...) para a mulher, a moda representava a possibilidade de afirmação no grupo. O homem, pelo contrário, possuía outras formas de distinguir-se na sociedade, e para ele, mais do que a roupa, importavam valores como a boa educação e o grau de instrução” (RAINHO, 2002, p. 138).As mulheres conseguiram ter acesso a ideias de moda e comportamento que ajudaram na sua afirmação na sociedade, elas podiam produzir e ampliar os horizontes através das informações.

Pensando no contexto do Segundo Reinado, a europeização foi a base para o processo civilizador que o Brasil estava passando. A moda era um tema recorrente nas Revistas Ilustradas, aparecia em textos com dicas de novidades e explicitava a forma como a roupa era feita. Em algumas edições as imagens também auxiliavam ilustrando o conteúdo e deixando mais claro como aquelas peças deveriam ser utilizadas. Diante de um novo cenário, a moda era copiada e os costumes absorvidos na tentativa de se espelhar nas civilizações estruturadas. “De forma geral, os jornais de moda que circulavam na Europa no século XIX, assim como os editados no Rio de Janeiro, foram os maiores veículos de difusão da moda francesa. E não eram apenas as vestimentas publicadas que seguiam o modelo francês, também a forma dos periódicos e até as suas matérias eram inspiradas nele” (RAINHO, 2002, p. 72).

Os jornais que foram considerados revistas ilustradas pela aproximação com o exemplar, vinham ornados com ricas imagens de conteúdos e detalhes, em algumas até as cores das roupas era possível ser analisado. As imagens serviam de texto, através delas conseguia-se perceber todos os aspectos da indumentária e inclusive copiar. O texto também servia de imagem já que era descrito com particularidades que se conseguia fazer o desenho do que estava sendo dito.

3.1 A IMPRENSA FEMININA

A imprensa voltada para o público feminino foi adquirindo espaço relevante no mercado, elas eram consumidoras que se tornavam leitoras assíduas do periódico. O nicho de consumo passou a ser explorado, a partir do momento que descobriram

que elas eram boas e fieis leitoras. “Segundo Laurence Hallewell, entre a Independência e a maioridade de D. Pedro II, um dos progressos sociais mais importantes, no que diz respeito à publicação de livros, se refere “à valorização da condição da mulher, que criou um público feminino suficientemente numeroso para alterar o equilíbrio do mercado”” (BUITONI, 1986, p. 79).

A imprensa feminina, como o nome já diz, é aquela direcionada para as mulheres, com temas que atendem a este universo entendido como feminino. Perguntas, respostas, moda, emoção, utilidades domésticas; a imprensa feminina é lugar para tudo que se relacione com a mulher e atingisse a família.

Mulheres que passavam a maior parte do dia em casa, uma das únicas diversões era a leitura dos jornais. A maioria delas era analfabeta, no entanto mesmo assim não desistiam de ver os textos, que possuíam ricas imagens. A imprensa feminina era para a elite, aquelas que tinham escolaridade e tempo para a leitura. Mesmo as iletradas conseguiam ter acesso às gravuras de moda, podiam fazer interpretações das ilustrações e copiar os modelos descritos. “Se lembrarmos que o Brasil vira o século com 84% de analfabetos, o que se aproximava da porcentagem de alfabetizados em países como a França ou a Inglaterra na mesma época, podemos estimar para as revistas um público minúsculo” (MIRA, 2001, p. 17).

As mulheres que possuíam escolaridade são as que pertenciam a famílias tradicionais com boa condição financeira e em muitos casos podiam pagar para que estudassem em outros países. As outras acabavam ficando em suas próprias cidades e o que sabiam vinham de ensinamentos dos pais. Lições que eram passadas por gerações, eram criadas para serem exemplos de boas donas de casa.

As mulheres da elite no Segundo Reinado, em sua maioria, não trabalhavam, cuidavam do lar e aos poucos foram investindo em situações que a levavam a adquirir cultura. Era o público que lia recorrentemente os jornais ilustrados, e estava em dia com a moda, literatura. “Se num primeiro momento a leitura dos jornais constituiu uma das únicas formas de lazer das mulheres – já que elas pouco saíam às ruas -, essa leitura não decresceu, pelo contrário, acentuou-se à medida que se foi intensificando o processo de exteriorização feminina” (BUITONI, 1986, p. 83).

Geralmente somente as famílias de posses e posição social é que tinham acesso a educação. Para as mulheres ainda era mais complicado, a sociedade dava pouca importância que elas fossem instruídas, o máximo que tinham acesso era a ensinamentos vindos dos pais. “Poucas frequentavam as aulas para pequenos

grupos, organizadas por estrangeiros, ou se matriculavam nos colégios de freiras extremamente seletivos que aos poucos se firmaram. Outras seguiam com os pais para a Europa, onde eram educadas em escolas de conventos franceses" (NEEDELL, 1993, p. 75).

No livro "O espírito das roupas", a autora Gilda de Mello e Souza, destaca que o máximo que elas faziam eram sair de casa para ir à missa, o resto do dia permaneciam nas residências bordando, conversando com as escravas e cuidando dos afazeres domésticos, o analfabetismo era sinônimo de nobreza, afastava amores por correspondências e mostrava que elas não precisavam se preocupar em serem letradas afinal tinham nascidas já predestinadas para a vida na riqueza.

O casamento era uma das principais formas que a mulher podia conseguir status social e econômico, aquelas que não se casavam tinham que se conformar em viver sozinhas acompanhando a mãe, estando ocupada com os afazeres de casa e ajudando com a educação dos sobrinhos. Elas se vestiam de forma simples e bem discretas. "(...) se não se casando a mulher via seu prestígio na sociedade diminuído, dedicando-se ao trabalho remunerado descia imediatamente de classe" (SOUZA, 1993, P. 91). Podia acontecer em alguns casosà humilhação de ter que trocar o sobrenome para demonstrar que aquela pessoa não desfrutava mais de todos os benefícios da família.

Como podemos observar no quadro abaixo do livro "A cidade e a moda", que a educação que as mulheres primeiramente recebiam era para serem caseiras e boas donas de casa. Os dados são do Censo Geral de 1872 a partir de um total da população do município neutro (Rio de Janeiro): 272.972 habitantes.

Alfabetização da população livre do município neutro

Homens	Mulheres
Sabem Ler 65.164	Sabem Ler 33.992
Analfabetos 68.716	Analfabetas 58.161

Fonte: RAINHO, 2002, p. 82.

A moda foi uma das impulsionadoras da imprensa feminina, ela materializava algo que as mulheres idealizavam ser. O que era desejo se transformava em mercadoria, afirmando o contexto capitalista, onde tudo virava objeto de consumo. As tendências vinham da França, primeiramente em figuras que eram vendidas

separadamente e com a evolução da imprensa eram disponibilizadas em jornais e revistas. O desenho era bem descrito, o que facilitava ao levar para costureiras ou para as mulheres bem dotadas fabricarem peças iguais. Quando veio para o Brasil, vinha em formato de encarte, o qual era comprado separado, as imagens eram usadas até para colecionar. Depois como perceberam que eram muito consumidas passaram a serem agregadas ao jornal.

A moda veiculada na imprensa feminina foi cada vez mais difundida no Rio de Janeiro. Os bailes e festas nos clubes ajudaram no crescimento da moda, afinal nenhuma mulher da alta sociedade gostaria de ser vista com um vestido repetido. O exterior, o que se vestia, valia muito para ser aceito na boa sociedade, deixavam de lado o traje colonial para seguir as tendências europeias.

A imprensa feminina se ampliou porque o consumo dos impressos aumentou também, começaram a ser desenvolvidos periódicos que tratavam do universo da mulher. “Moldes, brindes, avanço da indústria de cosméticos, a busca do público interiorano, a venda avulsa, desvinculada do correio foram, entre outros, os motivos impulsionadores dessa imprensa” (BUITONI, 1986, p. 28).

Aos poucos as mulheres começaram a tomar consciência do ambiente em que estavam vivendo, de submissão, de que não possuíam independência e os jornais foram um dos instrumentos que levavam cultura e dados que só vivendo o cotidiano elas não teriam. Parte delas saiu do estado de ócio e lutaram pelos seus direitos de liberdade e igualdade. O meio impresso passa a ser uma importante saída de debater e expor ideias. A imprensa feminina teve um papel muito importante na luta pelos direitos da mulher na sociedade.Por exemplo, passaram a investir mais na educação, em buscar conhecimento para futuramente adquirir maior independência. Antes como já foi dito, não ter escolaridade era sinônimo de distinção.

Na segunda metade do século XIX, as mulheres já começaram a se interessar pela carreira profissional. Porém tiveram que enfrentar um lugar que antes era só dos homens, elas adaptaram-se a nova mentalidade inclusive na maneira de como se vestir, surge a ideia de inferioridade. Afinal, no mundo do trabalho eram vistas como amadoras e no grupo em que se relacionavam como inferiores. Sentimento que ficou por um bom tempo enraizado na sociedade. “Pois perdeu o seu elemento mais poderoso de afirmação e ainda não adquiriu aquela confiança em si que em séculos de trabalho implantaram no homem” (SOUZA, 1993, p. 107).

O período do Segundo Reinado contribuiu para o crescimento da imprensa feminina e para a ainda tímida participação da mulher na sociedade. Voltando a chegada da corte, momento que contribuiu para mudanças na vida da mulher no Rio de Janeiro, ela passou a ter maior participação na sociedade. O contato com os periódicos faz a cidade ter contato com o mundo.

> Dentro deste contexto, a moda assume grande importância para a mulher que morava nas cidades. As tendências europeias eram copiadas, e aí entra o fator imprensa, primeiro com a importação de figurinos vindos de fora, depois com a publicação, aqui, de jornais e revistas que reproduzem as gravuras de moda. A necessidade estava criada, havia, portanto um mercado (BUITONI, 2009, p. 23).

4 A ESTAÇÃO

“A Estação” foi fundada em 1872, por Henrique Gustave Lombaerts, na Antuérpia, Bélgica com o nome de “La Saison – Jornal de Modas Parisienses”. Na verdade o periódico era uma versão adaptada da “Die Modenwelt”, da editora Lipperheide, uma revista de moda com sede em Berlim que reproduzia os mesmos conteúdos em treze línguas europeias diferentes. Começou a circular na Alemanha em 1865, e no Brasil, com o nome de “A Estação”, em 1879. “Fundada em outubro de 1865, o objetivo da revista Die Modenwelt era ensinar às donas-de-casas como fabricar vestimentas para toda a família, bordar e decorar suas casas. No começo Die Modenwelt era essencialmente um jornal de modas, com seis páginas ricamente ilustradas” (SILVA, 2009, p. 3).

O periódico era publicado quinzenalmente nos dias 15 e 30 de cada mês era editado pela tipografia Lombaerts, no Rio de Janeiro e era impresso em Berlim. “(...) a defesa de Lombaerts enumera as vantagens de imprimir na Alemanha, informando que a qualidade gráfica de seu jornal só se tornara possível graças aos avanços de impressão naquele país, onde se imprimiam muitos periódicos ilustrados franceses" (TEIXEIRA, 2010, p. 51). A partir do momento em que foi criada a parte de literatura em 1879 ele passou a se chamar “A Estação – Jornal Ilustrado para família” e circulou até 1904, parte inclusive que era exclusiva do Brasil. O periódico era dividido em duas partes uma de moda e a outra de literatura que tinham a paginação independente.

O foco do jornal permanece inalterado, afinal os assuntos abordados foram mantidos. Lombaerts no início não deixou explícito sobre a origem alemã do impresso e com isso muitas pessoas pensavam que estavam diante de uma produção francesa. “Assim, seus leitores acreditariam que tinham, diante de si, uma revista francesa autêntica. Somente quando A Estação foi acusada de ser uma publicação falsa, por apresentar moda francesa produzida entre Leipzig e Berlim, é que Lombaerts revelou aos seus leitores complexidade desse empreendimento editorial” (SILVA, 2009, p. 11).

“A Estação” teve a colaboração de Machado de Assis por dezenove anos, onde ele publicou todo o conto “O Alienista”. Seu editor tinha preocupação em desenvolver um material de qualidade, um trabalho artístico e com um padrão de qualidade de impressão apurado.

A ideia de civilização era uma busca constante e “A Estação” servia de objeto que trazia padrões a serem seguidos. A obra de Machado de Assis divulgada no jornal, por exemplo, trazia personagens, maneiras deles agirem em torno de situações que permitiam que aquela comunidade entrasse naquele universo. Histórias que prendiam a atenção dos leitores e era um dos fatores que permitiu o periódico ter existido por tanto tempo.

“A Estação” foi um instrumento de cultura que levou até a mulher que ainda vivia à margem da sociedade assuntos relacionados com a economia doméstica, moda, literatura e costumes. Incorporou-as no quadro crítico do Segundo Reinado. A mulher brasileira sofre irradiações da moda e de costumes, um aspecto que a diferenciou das europeias é que possuíam escravos. Um motivo que a fez querer utilizar de indumentárias, acessórios e outros adornos com o objetivo de se mostrar parte da classe dominante. O uso de adornos como determinante de poder não é exclusividade da brasileira, era comum querer usar adereços para se sentir mais próxima do considerado superior.

O design gráfico era um grande atrativo do periódico, as condições visuais chamavam muito atenção. Ele vinha em formato tabloide (37 x 27 cm) que proporcionava um aspecto elegante. Era composto de textos e algumas imagens detalhadas. O subtítulo “Jornal Ilustrado para a família” já descrevia de certa forma o público alvo e o tipo de conteúdo que viria nas páginas. Durante a visualização do jornal vemos ícones que ajudam a desvendar o que seria encontrado no periódico: como no estilo da fonte, nas imagens com trajes bem adornados, nas molduras, na qualidade da impressão e outros aspectos.

A capa possuía um cabeçalho com o título do jornal juntamente com o subtítulo, um arco circundava-os com duas jovens mulheres que ajudavam a moldurar a página. Elas estão segurando uma caneta de pena e a outra um livro, símbolos de cultura e educação. Em estilo clássico ele já demonstrava como seria o jornal em relação à parte gráfica, ao conteúdo e mais uma vez fazendo menção ao público que desejava alcançar de imediato.

Imagem 02: Cabeçalho “A Estação”

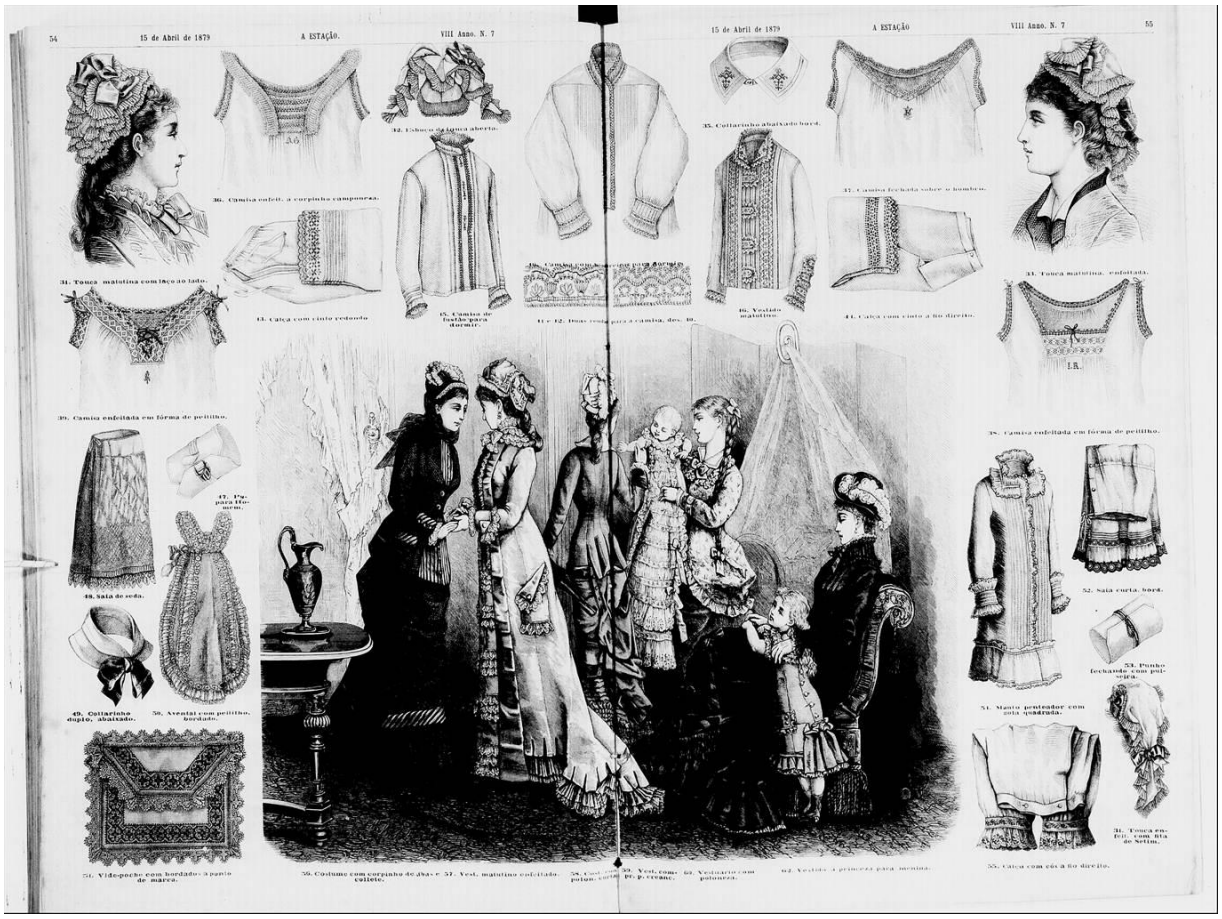
A ESTAÇÃO
JORNAL ILLUSTRADO PARA A FAMILIA
Nº 1
15 de Janeiro de 1879
VIII Anno
CORTE, um anno . . . . . 12$000
EDITORES PROPRIETARIOS
Livraria LOMBAERTS & Comp. Rua dos Ourives 7
RIO DE JANEIRO
PROVINCIAS, um anno . . . . 14$000

Fonte: “A Estação”, 15 jan. 1879, p.1.

A primeira coluna era a “Chronica da Moda”, com uma diagramação bem padronizada vinha na primeira página do jornal que já era a capa. Ela era composta de texto juntamente com uma grande gravura geralmente com mulheres ou crianças vestidas de acordo com a moda parisiense. A imagem na maioria das vezes vinha centralizada, em algumas edições sofria algum deslocamento para a lateral, o que, entretanto não comprometia a sintonia da página. O ambiente das imagens representava locais com uma atmosfera doméstica. Nesse espaço o autor ou a autora, já que a coluna não era assinada, contava um pouco sobre moda e costumes. O texto era dividido em colunas que se encaixavam com a imagem criando uma diagramação harmônica.

A impressão era na maioria das vezes preta e branca, e em algumas edições o leitor tinha a possibilidade de ter acesso a imagens coloridas o que agregava ainda mais valor gráfico e artístico para “A Estação”. Logo após, vinha uma sessão de moda que funcionava como um catálogo, desenhos de peças e acessórios eram posicionados juntamente com legendas explicativas. Era similar ao que vemos hoje em algumas revistas de modas, ou especialmente aquelas que possuem moldes e croquis para facilitar a confecção da roupa desejada.

Imagem 03: Catálogo de moda



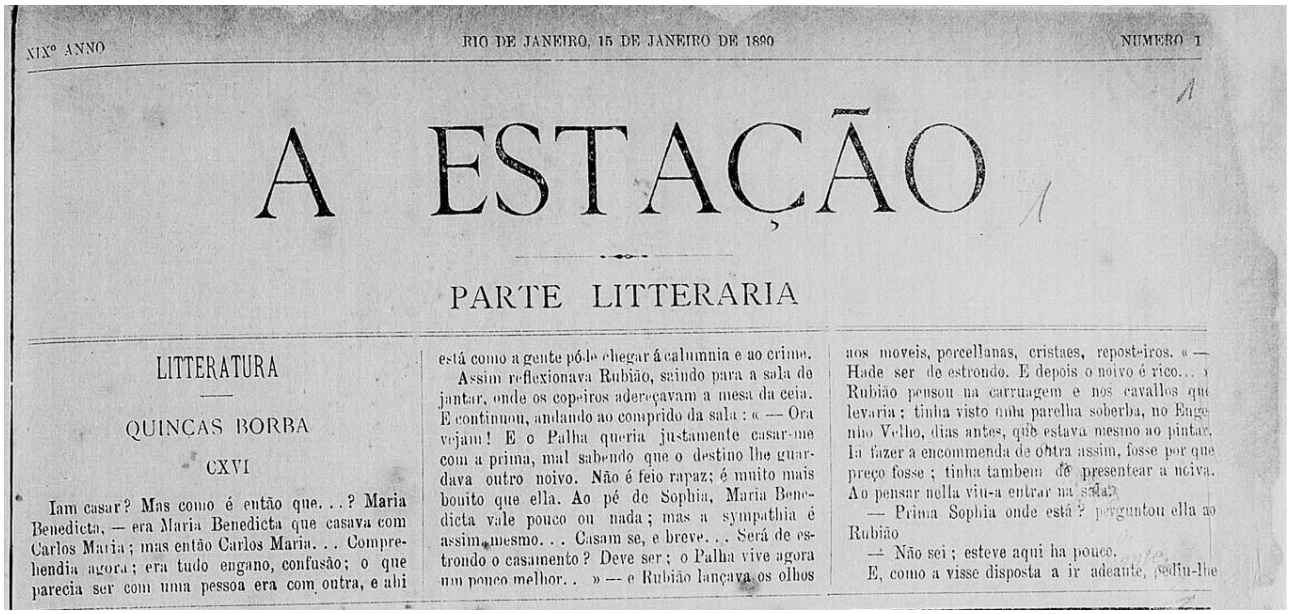
Fonte: “A Estação”, 15 abr. 1879, p. 54.

As peças do catálogo vinham sempre desenhadas bem detalhadas o que facilitava para ser copiada pelas próprias mulheres ou pelas costureiras. As legendas também ajudavam a compreender como era feito, descrição do tecido, tamanho, onde deveria ser utilizado estava presente nestas notas. No catálogo em “A Estação” do dia 15 de março de 1879 é possível aprender a fazer a elegante touca, para senhora.

> Um triângulo de filó grosso, com pontas arredondadas dos quaes os lados enviesados tem 11 cents. e os direitos 18 cents. de largura, fórma a armação desta elegante touca. A beira debruada á fita de reps, côr de rosa, é sostida por um fio de arame. Um viéz de escomilha lisa, enfeitado de renda bretão, forma as duas pontas de 20 a 24 cents. de comprimento, e o fôfo do fundo fixado por um laço e uma laçada de fita côr de rosa. Renda ligeiramente fransida continúa e se repete duas vezes, sendo interrompida por uma fita dobrada em duas ornando o meio adiante um bouquet de rosas; um outro bouquet prende as duas pontas crespas ou conchas. (A ESTAÇÃO, 15 de março de 1879, p. 37).

Já a “Parte Litteraria” se posicionava depois da sessão de moda, e era composta de crônicas, contos, romances, novelas de escritores brasileiros. Era um espaço que os autores podiam divulgar suas produções. Ela tinha aproximadamente quatro páginas e a partir de 15 de agosto de 1890 foi ampliada para seis páginas. Espaço importante afinal às histórias eram publicadas em partes em cada edição do jornal, então o público que queria dar continuidade a narrativa tinha que adquirir o próximo exemplar. A parte da Literatura criou fiéis leitores para “A Estação”.

Imagem 04: Parte literária



XIXº ANNO — RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1890 — NUMERO 1

A ESTAÇÃO

PARTE LITTERARIA

LITTERATURA

QUINCAS BORBA

CXVI

Iam casar? Mas como é então que...? Maria Benedicta, — era Maria Benedicta que casava com Carlos Maria; mas então Carlos Maria... Comprehendia agora; era tudo engano, confusão; o que parecia ser com uma pessoa era com outra, e ahi está como a gente póde chegar á calumnia e ao crime.

Assim reflexionava Rubião, saindo para a sala de jantar, onde os copeiros adereçavam a mesa da ceia. E continuou, andando ao comprido da sala: « — Ora vejam! E o Palha queria justamente casar-me com a prima, mal sabendo que o destino lhe guardava outro noivo. Não é feio rapaz; é muito mais bonito que ella. Ao pé de Sophia, Maria Benedicta vale pouco ou nada; mas a sympathia é assim mesmo... Casam se, e breve... Será de estrondo o casamento? Deve ser; o Palha vive agora um pouco melhor.. » — e Rubião lançava os olhos aos moveis, porcellanas, cristaes, repositeiros. « — Hade ser de estrondo. E depois o noivo é rico... » Rubião pensou na carruagem e nos cavallos que levaria; tinha visto uma parelha soberba, no Eugenio Velho, dias antes, que estava mesmo ao pintar. Ia fazer a encommenda de outra assim, fosse por que preço fosse; tinha tambem de presentear a noiva. Ao pensar nella viu-a entrar na sala.

— Prima Sophia onde está? perguntou ella ao Rubião

— Não sei; esteve aqui ha pouco.

E, como a visse disposta a ir adeante, pediu-lhe

Fonte: “A Estação”, 15 jan. 1890, p. 10.

Na sessão de Literatura também era possível ver ilustrações que condiziam com o que estava sendo contado no texto. Elas auxiliavam na compreensão da narração e deixava o leitor ainda mais dentro da história.

“A Estação” ainda contava com colunas que não eram fixas, mas que vinham em algumas edições. Basicamente o jornal era dividido em duas partes a primeira que era a de moda: com textos, desenhos, catálogo, utilidade e dicas domésticas, traduzida da Revista Die Mondewelt e a parte de Literatura, que era autenticamente brasileira, com crônicas, romances, poesia, onde inclusive Machado de Assis publicou 37 contos, 06 poemas, 01 novela, 01 romance e diversas outras produções.Outros autores que também contribuíram com conteúdo foram Olavo

Bilac, Raymundo Correa, Alberto de Oliveira, Luiz Delfino, Guimarães Passos, Lúcio de Mendonça, Luiz Guimarães Júnior, Júlia Lopes de Almeida, de Arthur Azevedo, e outros.

Na parte literária era possível ter acesso a resenhas, variedades, crônicas teatrais, notícias, belas artes e seções de entretenimento. Quando criada em 1879 ampliou ainda mais o público do jornal. A seção “Literatura” era especialmente para à prosa geralmente assinada por Machado de Assis e seus pseudônimos; “Bibliografia” publicada constantemente até 1885 com resenhas de obras literárias; “Poesia” esteve sempre presente no periódico com destaque para os autores Raimundo Correa e Alberto Oliveira que participaram de forma mais regular.

A seção “Teatro” sofreu modificações no título, mas sempre com a palavra referindo a arte do espetáculo presente, falava de peças e do ambiente teatral. Abordava sobre as peças, concertos e outros eventos artísticos. A partir de 1885 já aparecia nas páginas a parte intitulada “Chroniqueta” bem parecida com as crônicas teatrais, no entanto com tom de humor.

Em “Belas Artes” era possível ter acesso a uma nota sobre pinturas e obras de arte, nas páginas vinham gravuras artisticamente trabalhadas. Obras que vinham expostas na página do periódico então os leitores também tinham acesso a reflexões sobre arte. “É uma alegoria o quadro; é a conducção de uma donzela morta, na flôr dos anos. Nada ha ahi que seja triste; essa alma em flôr dos annos, arrancada á vida entra serenamente na região dos sonhos” (A ESTAÇÃO, 15 de jan. de 1880, p.18).

Imagem 05: Belas Artes

ELAINE

A NOSSA GRAVURA

VARIEDADE

Fonte: “A Estação”, 15 jan. 1880, p.18.

Ainda na sessão “Belas Artes” as leitoras também podiam ter contato com partituras musicais. Pode-se perceber que a mulher que estava próxima das artes era considerada mais culta e a referência de uma boa senhora que fazia parte de uma sociedade civilizada.

O jornal possuía também uma seção chamada “Correspondência”, espaço destinado às respostasdas cartas de assinantes de vários estados. Mostrava já uma interação com o público o que o tornava a folha mais próxima daquelas pessoas. A liberdade de expressão que marcou a imprensa do período fez com que as mulheres pudessem ter uma maior participação e entender mais o contexto em que estavam inseridas.

> Lúlú – Não devem ser seguidas entre nós as modas com toda exactidão dos detalhes. Certo é que as modas parisienses actuaes são proprias do inverno, mas respeitando os feitios e disposições que é o que constitue verdadeiramente a moda, podemos aqui executar toilettes semelhantes, mas proprias da nossa estação. Ahi é que se revela todo o gosto e engenho da nossa gentil leitora (A ESTAÇÃO, 15 de fev. de 1889, p. 12).

Para finalizar “Variedades” abordava assuntos relacionados ao entretenimento. Temas como anedotas, conselhos de beleza, utilidade doméstica, crônicas sobre a sociedade carioca completavam “A Estação”.

Outra presença constante são os anúncios de casas comerciais, espécie de publicidades feitas apenas com o nome do produto e o slogan. Eram delimitadas com molduras que facilitavam e harmonizavam a diagramação. Quando a “Parte Litteraria” foi ampliada para seis páginas, aumentou o número de anúncios que agora podiam ocupar quase uma página inteira. Era possível ver anúncios de casas francesas, o que reforçava ainda mais a ideologia e os costumes que deveriam ser seguidos.

Imagem 06: Anúncios

Fonte: “A Estação”, 15 fev. 1889, p. 12.

Um dos anúncios recorrentes nas edições era de remédios e produtos de beleza. De acordo com o livro “O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica”, de Rafael Cardosoo exercício das práticas médicas no Brasil no Segundo Reinado, é uma misturado conhecimento dos jesuítas e a adaptação do universo português à natureza brasileira. E ainda tinha a figura do curandeiro.“No âmbito da medicina, enfim, oscila-se entre os sistemas e a clínica, entre a dedução e a observação empírica, e são as boticas ou farmácias que concentram a venda e manipulação de receitas” (CARDOSO, 2005, p. 47).

Era possível ver anúncios de remédios manipulados, homeopáticos de fórmulas poderosas para higiene, brilho capilar, tônicos e outros. A cultura europeia influenciava tanto a vida dos brasileiros que passou a ser absorvida de maneira tão negligente que trouxe consequências graves a saúde.

> Gilberto Freyre assinala que a disseminação de um estilo de vida europeu, que exigia que os corpos correspondessem aos padrões da moda de Londres e Paris, tornava unguentos, cosméticos, dentes e cabelos postiços, ancas, tinturas para barbas e cabelos e espartilhos, meios de corrigir as deficiências ou excessos das formas corporais. Nesse sentido, eram infrutíferos os apelos dos médicos quanto aos possíveis malefícios que determinados produtos poderiam causar á saúde. (CARDOSO, 2005, p. 50).

Páginas com conteúdos que interagem com o público, através da junção de textos, ilustrações, diagramação condizente e formato que mantem a coerência editorial proposta por Henrique Lombaerts, como um de seus desejos era tornar o jornal uma verdadeira “folha artística”, instrumentos e cautela foram usados para obter o melhor resultado.Atribuído a um público de classe média alta, no editorial ou no espaço de cartas que era destinado aos leitores,vinha descrito em um dos textos que o objetivo era manter o preço acessível do periódico aos seus assinantes. Os editores prometiam melhorar o periódico,porém sem aumento do preço. Queriam manter o compromisso da qualidade do jornal para garantir os assinantes que já tinham e quem sabe conquistar novos leitores.

> De 1879 a 1890 os preços das assinaturas seriam mantidos nas suas formulações iniciais: a assinatura por um ano custava, para a corte, 12$000, e para as províncias, 14$000. No entanto, o número de 15 de janeiro de 1888 começava a das sinais de dificuldades em manter os valores originais, abrindo a possibilidade de que se fizessem também assinaturas semestrais a um custo de 7$000 para a corte e 8$000 para as províncias (CRESTANI, 2008, p.332).

A partir de março de 1882 o jornal começa uma campanha contra emprestar os periódicos, pois viam a prática como algo que poderia causar grandes prejuízos nas vendas. Uma maneira que usaram para conseguir a renovação das assinaturas ou de adquirir novos leitores foi a promessa de aumentar a folha de moldes. Com o clima de desestabilização econômica ocorrida nos primeiros anos da República que foi denominada de “Encilhamento” o jornal teve que alterar os preços a partir de 1891:

Capital, um ano .....15$000 Capital, seis meses .....9$000
Estados, um ano .....17$000 Estados, seis meses .....10$000

Assim os preços das assinaturas foram sofrendo alterações constantemente devido ao contexto em que o Brasil estava vivendo. A situação da estabilização ficou tão complicada que a partir de 1893 a indicação dos preços no cabeçalho deixa de existir e no espaço passa a ser preenchido pela descrição quantitativa de conteúdo disponibilizado no jornal.

> Na virada para o século XX, novas alterações nos preços seriam registradas até a interrupção definitiva da revista de 1904. Essas constantes oscilações que marcaram o final da trajetória d'A Estação são índices expressivos do impacto que as transformações econômicas operadas pela política do Encilhamento exerceram sobre as instituições culturais do país (CRESTANI, 2008, p. 336).

No artigo "Moda e Literatura: o caso da revista A Estação", da autora Ana Cláudia Suriani ela aponta que a tiragem do jornal era grande, mas não cita a quantidade, e este grande número como mencionado por ela, pode ser explicado pelo grande sucesso que fez a parte de moda com o catálogo e as imagens em que as pessoas podiam guardá-las para poder reproduzir as peças. E a parte de literatura que tinha textos de autores brasileiros hoje consagrados que faziam um grande sucesso principalmente entre o público feminino.

> A Estação pôde alcançar a tiragem invejável de 10.000 exemplares e, portanto, circular por 25 anos, porque Lombaerts soube muito bem harmonizar a ideia do que era cosmopolita a que era local, mesmo que tenha colaborado no estreitamento da dependência cultural do Brasil em relação à Europa, naquele período. (SILVA, 2009, p. 22).

"A Estação" durou cerca de 25 anos alguns motivos podem ser apontados por tanto tempo de veiculação. Primeiro pelo seu grande atrativo gráfico que chama atenção já que no Brasil não tinha um periódico com uma impressão e um apelo visual tão grande. Outro fator: era um jornal extenso a parte publicitária era grande então ajudava na manutenção financeira para que continuasse circulando.

4.1 O ESPELHO

Outro objeto que servirá de base para perceber como a imprensa trata a moda será o jornal brasileiro “O Espelho”, até para ter um periódico produzido fora do país e outro com as peculiaridades nacionais. Ele abordava assuntos relacionados à literatura, moda, indústria e artes. Um periódico ainda pouco estudado e explorado por pesquisadores foi inclusive difícil encontrar fontes que contem mais sobre ele.

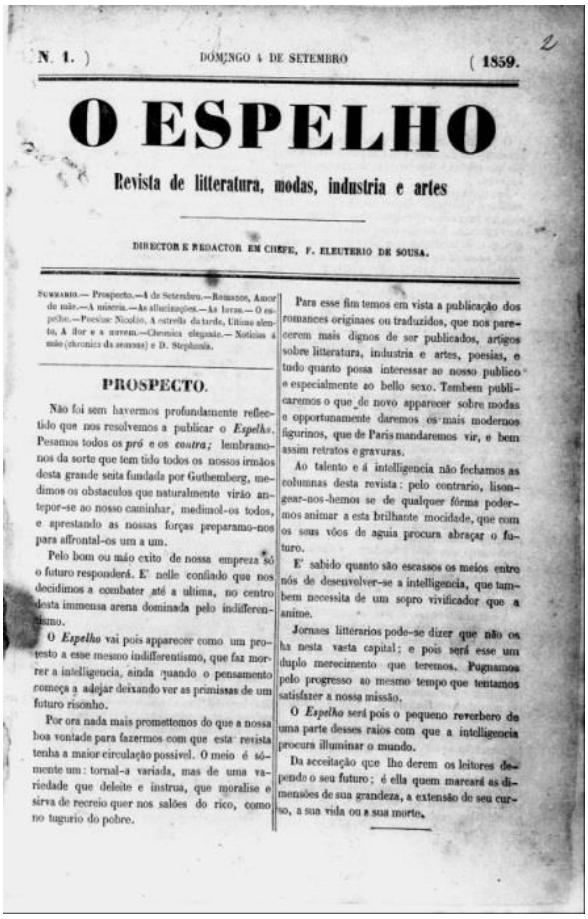
Escolhi “O Espelho” porque depois de muitas pesquisas encontrei o jornal digitalizado na Biblioteca Nacional o que me facilitou para desenvolver a analise. Pude realmente ter contato com as edições e ter acesso também ao visual. Durante o Segundo Reinado os periódicos que circulavam no Rio de Janeiro, em sua maioria, tinham o foco em assuntos políticos embasados pelo humor, mais um motivo para ter selecionado “O Espelho” que além de outros conteúdos tinha uma coluna de moda escrita no próprio país.

Editado pela Typographia de F. de Paula Brito sob a responsabilidade de F. Eleuterio de Souza no Rio de Janeiro, a partir de 04 de setembro de 1859 com duração de circulação de aproximadamente seis meses. Uma participação relevante foi de Machado de Assis que passou a ter uma coluna fixa com o título “Revista de theatros”. “O Espelho” tinha periodicidade semanal e com subtítulo “revista semanal de litteratura, modas, industria e artes” já explicitava os temas que seriam tratados.

Já na primeira edição do periódico, domingo dia 04 de setembro de 1859, o texto diz que era esperado que o jornal tivesse a maior circulação possível, que fosse um veículo que instrua, moralize e sirva de base para salões de ricos e no refúgio do pobre. Tinha aproximadamente 12 páginas podendo ter poucas variações. Ainda no texto de apresentação Eleutério de Sousa afirma que serão publicados no jornal romances originais ou traduzidos, artigos sobre literatura, e outros assuntos que possam interessar as leitoras. Contou com a colaboração de Silva Rabelo, Moreira de Azevedo, Macedo Júnior, Casimiro de Abreu e José de Rocha.

Vale ressaltar que a imprensa brasileira trazia as notícias e fazia parte do cotidiano das pessoas, principalmente nas horas de lazer. “A imprensa era porta-voz do saber, instrumento democrático, nos moldes de um país assumido idealmente, através da imagem do operário que volta para casa. O jornal devia corresponder ao processo de civilização (...)” (LUCCHESI, 2008, p. 7).

Imagem 07: Capa “O Espelho”



N. 1.) DOMENGO 4 DE SETEMBRO (1859.

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMMARIO.— Prospecto.—4 de Setembro.—Romances, Amor de mãe.—A miseria.—As alluminações.—As loras.— O espelho.—Poesias: Nicolio, A estrella da tarde, Ultimo alento, A flor e a nuvem.—Chronica elegante.— Noticias á mão (chronica da semana) e D. Stephania.

PROSPECTO.

Não foi sem havermos profundamente reflectido que nos resolvemos a publicar o *Espelho*. Pesamos todos os *pró* e os *contra;* lembramo-nos da sorte que tem tido todos os nossos irmãos desta grande seita fundada por Guthemberg, medimos os obstaculos que naturalmente virão antepor-se ao nosso caminhar, medimol-os todos, e aprestando as nossas forças preparamo-nos para affrontal-os um a um.

Pelo bom ou máo exito de nossa empreza só o futuro responderá. E' nelle confiado que nos decidimos a combater até a ultima, no centro desta immensa arena dominada pelo indifferentismo.

O *Espelho* vai pois apparecer como um protesto a esse mesmo indifferentismo, que faz morrer a intelligencia, ainda quando o pensamento começa a adejar deixando ver as primissas de um futuro risonho.

Por ora nada mais promettemos do que a nossa boa vontade para fazermos com que esta revista tenha a maior circulação possivel. O meio é sómente um: tornal-a variada, mas de uma variedade que deleite e instrua, que moralise e sirva de recreio quer nos salões do rico, como no tugurio do pobre.

Para esse fim temos em vista a publicação dos romances originaes ou traduzidos, que nos parecerem mais dignos de ser publicados, artigos sobre litteratura, industria e artes, poesias, e tudo quanto possa interessar ao nosso publico e especialmente ao bello sexo. Tambem publicaremos o que de novo apparecer sobre modas e opportunamente daremos os mais modernos figurinos, que de Paris mandaremos vir, e bem assim retratos e gravuras.

Ao talento e á intelligencia não fechamos as columnas desta revista: pelo contrario, lisongear-nos-hemos se de qualquer *fórma* podermos animar a esta brilhante mocidade, que com os seus vôos de aguia procura abraçar o futuro.

E' sabido quanto são escassos os meios entre nós de desenvolver-se a intelligencia, que tambem necessita de um sopro vivificador que a anime.

Jornaes litterarios pode-se dizer que não os ha nesta vasta capital; e pois será esse um duplo merecimento que teremos. Pugnamos pelo progresso ao mesmo tempo que tentamos satisfazer a nossa missão.

O *Espelho* será pois o pequeno reverbero de uma parte desses raios com que a intelligencia procura illuminar o mundo.

Da acceitação que lho derem os leitores depende o seu futuro; é ella quem marcará as dimensões de sua grandeza, a extensão de seu curso, a sua vida ou a sua morte.

Fonte: “O Espelho”, 04 set. 1859, p. 01.

Até na parte gráfica recebíamos influência de outros países, o Brasil ainda não tinha instrumentos de impressão tão apurados. Era uma atividade feita por profissionais basicamente vindos de fora, ou seja, a interferência do olhar europeu na criação do visual do periódico era evidente. O jornal seguia com uma fonte serifada que era comum nos jornais, ela sofria modificações como: negrito e itálico com a intenção de diferenciar título, subtítulo, etc. Um recurso que ajudava na organização e na aparência das páginas era o máximo que graficamente sofria alteração.

Na capa “O Espelho” tinha uma aparência menos rebuscada, com as principais informações do periódico no cabeçalho, título, data, número da edição, nome do diretor e redator, e o sumário que já mostrava tudo que teria de conteúdo naquela publicação. A diagramação da página era bem simples, dividia o texto

sempre em duas colunas o que não causava estranheza ou qualquer tipo de confusão quando se ia ler.

O primeiro texto pode ser comparado a um editorial, texto crítico sobre um determinado assunto, não possuía um título especifico variava de acordo com o que estava sendo tratado. Geralmente ele não era assinado, mas já tratava de aspectos relacionados com o público alvo e com o direcionamento ideológico do periódico. Em uma das publicações quando o jornal comemorava três meses de existência o texto foi de agradecimento aos leitores e de recapitulação do que foi publicado durante este tempo.

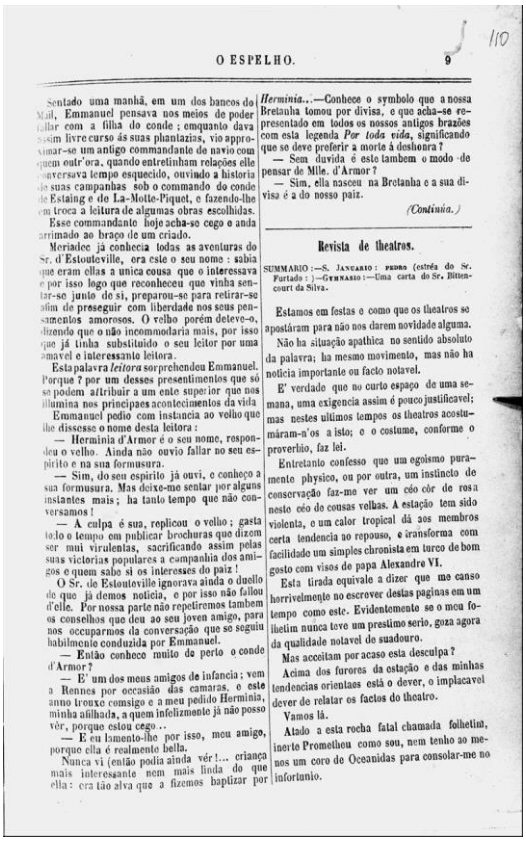
> Esta revista não tem satisfatoriamente preenchido um dos fins da sua missão. Na parte concernente á modas, nesta parte tão importante para o nosso bello sexo, tem ella sido um pouco omissa. Essa falta foi devida á prudencia dos nossos cálculos: preferimos medir antes o terreno em que pisavamos ao andar precipitado e leviano que conduz ao nada. Tivemos medo de cansar e parar em meio caminho (O ESPELHO, 4 de setembro de 1859, p. 01).

Na sequência era publicada a seção “Romance” composta sempre de um texto literário antecedido por uma espécie de cabeçalho o qual descrevia seu título, autor e o número de edição da história, já que era publicado em capítulos à medida que o jornal era veiculado, os leitores assim poderiam saber em qual episódio havia terminado. Além disso, a poesia e os poemas também tinham espaço cativo em “O Espelho”.

A coluna também fixa “Revista de Theatros” assinada por Machado de Assis, apontava sobre algum espetáculo que estava em cartaz e descrevia sobre a peça. Depois do título vinha também um sumário com um breve resumo do que viria a ser narrado. Era um texto opinativo e relatava um pouco do ambiente do teatro, sobre as pessoas que participavam deste tipo de evento.“Gostei muito e muito do credo que o Mirate canta com expressão e sentimento: o dueto final fez furor; o publico chamou os artistas o fim, e fez-lhes uma ovação completa” (O ESPELHO, 09 de out. de 1859, p.10).

Na “Revista de Theatros” o autor conseguia retratar a sociedade de maneira bem eficaz. Trazia debates e assuntos para serem discutidos que envolviam o contexto da arte dramática. “Machado não mede palavras diante do que lhe parece um dos maiores flagelos do teatro da Corte” (LUCCHESI, 2008, p. 7).

Imagem 08: Revista de Theatros



O ESPELHO. 9

Sentado uma manhã, em um dos bancos do Mail, Emmanuel pensava nos meios de poder fallar com a filha do conde; emquanto dava assim livre curso ás suas phantazias, vio approximar-se um antigo commandante de navio com quem outr'ora, quando entretinham relações elle conversava tempo esquecido, ouvindo a historia de suas campanhas sob o commando do conde de Estaing e de La-Motte-Piquet, e fazendo-lhe em troca a leitura de algumas obras escolhidas.

Esse commandante hoje acha-se cego e anda arrimado ao braço de um criado.

Meriadec já conhecia todas as aventuras do Sr. d'Estouteville, ora este o seu nome: sabia que eram ellas a unica cousa que o interessava e por isso logo que reconheceu que vinha sentar-se junto de si, preparou-se para retirar-se afim de proseguir com liberdade nos seus pensamentos amorosos. O velho porém deteve-o, dizendo que o não incommodaria mais, por isso que já tinha substituido o seu leitor por uma amavel e interessante leitora.

Esta palavra *leitora* sorprehendeu Emmanuel. Porque? por um desses presentimentos que só se podem attribuir a um ente superior que nos illumina nos principaes acontecimentos da vida.

Emmanuel pedio com instancia ao velho que lhe dissesse o nome desta leitora:

— Herminia d'Armor é o seu nome, respondeu o velho. Ainda não ouvio fallar no seu espirito e na sua formusura.

— Sim, do seu espirito já ouvi, e conheço a sua formusura. Mas deixe-me sentar por alguns instantes mais; ha tanto tempo que não conversamos!

— A culpa é sua, replicou o velho; gasta todo o tempo em publicar brochuras que dizem ser mui virulentas, sacrificando assim pelas suas victorias populares a companhia dos amigos e quem sabe si os interesses do paiz!

O Sr. de Estouteville ignorava ainda o duello de que já demos noticia, e por isso não fallou d'elle. Por nossa parte não repetiremos tambem os conselhos que deu ao seu joven amigo, para nos occuparmos da conversação que se seguiu habilmente conduzida por Emmanuel.

— Então conhece muito de perto o conde d'Armor?

— E' um dos meus amigos de infancia; vem a Rennes por occasião das camaras, e este anno trouxe comsigo e a meu pedido Herminia, minha afilhada, a quem infelizmente já não posso vêr, porque estou cego...

— E eu lamento-lhe por isso, meu amigo, porque ella é realmente bella.

Nunca vi (então podia ainda vêr!... criança mais interessante nem mais linda do que ella: era tão alva que a fizemos baptizar por *Herminia*...—Conhece o symbolo que a nossa Bretanha tomou por divisa, e que acha-se representado em todos os nossos antigos brazões com esta legenda *Por toda vida*, significando que se deve preferir a morte á deshonra?

— Sem duvida é este tambem o modo de pensar de Mlle. d'Armor?

— Sim, ella nasceu na Bretanha e a sua divisa é a do nosso paiz.

(Continúa.)

Revista de theatros.

SUMMARIO:—S. JANUARIO: PEDRO (estréa do Sr. Furtado:)—GERMANOS:—Uma carta do Sr. Bittencourt da Silva.

Estamos em festas e como que os theatros se apostáram para não nos darem novidade alguma.

Não ha situação apathica no sentido absoluto da palavra; ha mesmo movimento, mas não ha noticia importante ou facto notavel.

E' verdade que no curto espaço de uma semana, uma exigencia assim é pouco justificavel; mas nestes ultimos tempos os theatros acostumáram-n'os a isto; e o costume, conforme o proverbio, faz lei.

Entretanto confesso que um egoismo puramente physico, ou por outra, um instincto de conservação faz-me ver um céo côr de rosa neste céo de cousas velhas. A estação tem sido violenta, e um calor tropical dá aos membros certa tendencia ao repouso, e transforma com facilidade um simples chronista em turco de bom gosto com visos de papa Alexandre VI.

Esta tirada equivale a dizer que me canso horrivelmente no escrever destas paginas em um tempo como este. Evidentemente se o meu folhetim nunca teve um prestimo serio, goza agora da qualidade notavel de suadouro.

Mas acceitam por acaso esta desculpa?

Acima dos furores da estação e das minhas tendencias orientaes está o dever, o implacavel dever de relatar os factos do theatro.

Vamos lá.

Atado a esta rocha fatal chamada folhetim, inerte Prometheu como sou, nem tenho ao menos um coro de Oceanidas para consolar-me no infortunio.

Fonte: “O Espelho”, 01 jan. 1860, p. 9.

“Chronica Elegante” era a coluna que abordava moda e comportamento com uma linguagem bem literária, quase poética, com uso de metáforas e outras figuras de linguagem, isto pode ser explicado afinal no século XIX os textos jornalísticos eram muito próximos aos literários. As roupas eram descritas minuciosamente e geralmente eram de mulheres da alta sociedade que tinha participado de algum evento uma espécie de coluna social dos dias atuais, no entanto com destaque para o vestuário.

O texto trazia interessantes reflexões, um exemplo é uma das passagens em que o autor fala da importância da moda na França para a economia do país. “Em Paris, como de costume, ácima da política e até ácima da literatura está a moda” (O ESPELHO, 11 de set. de 1859, p. 10). Além disso, era possível encontrar dicas de como se vestir em determinada ocasião, afinal uma preocupação era estar sempre de acordo com o momento.

Sem deixar de falar dos assuntos cotidianos “Notícias à mão” era a coluna que descrevia acontecimentos do dia a dia e que fossem de interesse da sociedade. Era uma maneira de mostrar um pouco do contexto da cidade.Ela depois mudou de nome e passou a se chamar “Bulletim Bibliographico” e depois “Mosaico”, era bem comum às colunas trocarem o título, porém abordando o mesmo conteúdo à medida que o jornal fosse evoluindo.

> O baile anual da sociedade franceza de beneficencia deve ter lugar no dia 15 do corrente nos salões Club Fluminense.
> Esta sociedade, que todos os annos proporciona ao nosso publico uma noite de doces recordações; que tem sempre procurado suavisar a sorte dos desvalidos filhos da França n’esta capital, este anno, segundo nos consta, exforça-se, se é possivel, ainda mais, para attrahir as sympathias de nosso publico, sempre prompto a concorrer com a sua munificencia quando se trata de socorrer aos infelizes.
> Será esta uma das belas noites que teremos a gozar. No meio da monitonia em que jazemos, um baile sempre é um motivo de expansão, de enlevo, de contentamento. Nem póde haver outro meio mais doce de preencher-se aquelle fim a que se propõe a sociedade franceza de beneficencia (O Espelho, 02 de out de 1859, p.11).

Ao longo do jornal era possível ter acesso a outros textos de literatura, sobre valores, costumes, em uma publicação o autor fala sobre luvas que moças de mãos delicadas e homens de bom tom jamais esqueceriam, exemplo são as “luvas de pellica”, demonstravam requinte quase uma questão de boa educação. Os bons costumes eram a etiqueta, regras que deveriam ser seguidas para permanecer na alta sociedade.

“O Espelho” se aproxima mais aos jornais pela ausência de imagens e mais textos, o que não dificulta em nenhum momento a leitura. É bem organizado e a divisão com os títulos e mudança de fonte das letras causa certa organização. Enquanto “A Estação” tinha uma grande suntuosidade na parte gráfica para época por isso foi considerada uma Revista Ilustrada.

Mesmo o Brasil ainda não possuindo uma parte gráfica evoluída os produtores dos jornais desenvolviam uma diagramação de maneira que visualmente não ficasse tão monótona: organizando os textos sem deixá-los muito longos, o que não cansaria o leitor e usando recursos como diferenciar a fonte, dividir a notícia em colunas. O impresso era considerado como efêmero assim como as revistas afinal eram planejados já com uma vida útil programada, o que não faz perder a sua

importância, muito pelo contrário, eram valiosos meios de informação e cultura. Eles faziam parte do cotidiano das pessoas.

Duas informações relevantes que não encontrei em nenhum exemplar do jornal e nem durante a pesquisa foram sobre a tiragem e o seu valor. A autora Maria Celeste Mira aponta em seu livro “O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX”, exatamente sobre a dificuldade de encontrar e caracterizar as revistas do século XIX, de muitas só se sabe o nome e as informações de datas nem sempre são precisas.

É perceptível que o país passava por situações de crises econômicas no Segundo Reinado como já foi mencionado no item anterior, muitas oscilações da moeda brasileira e com certeza não era fácil manter o veículo em circulação, inclusive pela concorrência que já existia no mercado. Manter um jornal nunca foi fácil os gastos eram pesados, circular “O Espelho” toda semana demandava trabalho e dentro de um prazo curto gerar conteúdo era mais complicado de mantê-lo.

“O Espelho” teve uma duração aproximadamente seis meses, um dos motivos que também pode explicar sua pequena permanência pode ser a falta de atrativos visuais, o quepossivelmente diminuía seu consumo. O periódico visualmente mais simples e, caso mandassem a folha para ser impressa em outro país, já que tinham uma parte gráfica mais desenvolvida, precisariam de altos investimentos que no momento não cabia pela crise financeira.

5 CHRONICA DA MODA

A análise que será realizada terá como base as colunas de moda dos dois periódicos através delas será possível perceber se a moda vinda para o Brasil sofria algum tipo de adaptação: a modelagem, costumes, clima. Ou se simplesmente ela reproduzia o que era produzido fora país.

Imagem 09: Chronica da Moda

EDIÇÃO PARA O BRAZIL

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO PARA A FAMILIA

N. 19 — 15 de Outubro de 1888 — XVII Anno

PREÇO DA ASSIGNATURA BRAZIL

EDITORES-PROPRIETARIOS H. LOMBAERTS & COMP.

PREÇO DA ASSIGNATURA BRAZIL

CORREIO DA MODA

Fonte: “A Estação”, 15 out. 1888, p. 01.

A “Chronica da Moda” coluna de moda do jornal “A Estação” vinha com um texto que apresentava as principais novidades de moda em Paris. Ela era escrita na própria capital francesa e traduzida para a edição da Revista brasileira. É possível perceber que mesmo sendo escrita na capital francesa ela tinha colaboradoras brasileiras que contavam um pouco do contexto da sociedade carioca. Nos primeiros anos era assinada por Antonina Aubé ou por Brasília Pinheiro, mais no final do periódico o nome da coluna muda para “Correio da Moda” e passa a ser escrita por

Paula Cândida. Pesquisei o nome das autoras na internet para tentar descobrir mais algumas informações sobre elas, no entanto não encontrei nada a respeito.

A parte de moda é constituída por aproximadamente oito páginas sendo que ocupando a capa, referente a primeira página, está a “Chronica da Moda”. Esta era composta de um texto com uma grande imagem. Depois seguiam sete páginas com um modelo de catálogo, que era constituído por imagens de trajes que em algumas edições vinham coloridas à aquarela, moldes para a confecção das peças, desenhos de objetos para decoração, inclusive gravuras de brinquedos para as crianças. Tudo isso vinha com legendas explicativas, com instruções da maneira que deveria ser confeccionado com os devidos detalhes.

O vestuário de moda era visto nas imagens, os traços desenhados também agregava significado de leitura da peça. Há uma unidade de significação que aquela figura trazia, poderia ser de um ambiente onde as mulheres deveriam frequentar, ou de alguma arte que deveriam aprender, os significados dos signos de moda estavam implícitos, o objetivo não era apenas para mostrar as roupas que eram usadas, mas a cultura que se vislumbrava ser seguida.

Imagem 10: Imagens do catálogo de moda

Fonte: “A Estação”, 15 mar. 1880, p. 49.

A maneira como elas deveriam se comportar em determinada situação também era demonstrado nas gravuras, os lugares em que estavam eram os locais ideais que deveriam frequentar. Questões de postura e etiqueta que implicitamente eram ensinadas.

Além da coluna trazer uma moda adulta, nos textos temos contato com as novidades para as crianças que na época se vestiam muito parecidas com os mais velhos. Nessas páginas encontram-se também dicas de brinquedos. Na publicação abaixo com a descrição das legendas os leitores conseguem produzir os brinquedos. “Vestido para saráu com fichú Maria Antonietta – Nosso modelo é de fazenda leve branca, guarnecido com rendas “Valenciennes amarelladas” e um fichú de crépe molle guarnecido com as mesmas rendas” (A ESTAÇÃO, 1896, p.02).

Imagem 11: Catálogo de moda

Fonte: “A Estação”,15 jan. 1896, p. 02.

As gravuras eram tão bem desenhadas que provavelmente o artista que desenvolvia conhecia técnicas de desenho para traçar com tanta perfeição as peças

que estavam sendo mostradas no periódico. Ilustrações que envolviam precisão e muitos detalhes que era possível ter a noção exata do que estava sendo demonstrado. Os desenhos não vinham assinados.

As imagens eram muito importantese representavam o que estava sendo dito, os iletrados também conseguiam identificar pelo menos o assunto o qual seria tratado. Um período em que a profissão das costureiras ainda era bastante presente, o desenho, principalmente do catálogo, facilitava também quando a mulher ia mostrar para ela reproduzir a peça. Para as que sabiam ler as legendas ajudavam ainda mais com as medidas, detalhes da modelagem e outras instruções.

Em alguns momentos as autoras da “Chronica da Moda” descreviam sobre a requintada vida da corte carioca, traziam um pouco do que estava acontecendo no Brasil na época com relação à moda e como ela estava sendo usada. Era complicado seguir severamente as tendências apontadas que eram vindas de Paris, afinal as diferenças climáticas eram bem intensas. O que estava exposto nas páginas eram trajes que não condiziam com a estação que o Rio de Janeiro vivenciava, o descompasso climático ocorria tanto no verão quanto no inverno.O texto da coluna era escrito na capital francesa e era traduzido para o Brasil, sofria algumas interferências das colaboradoras brasileiras.

O uso de roupas pesadas no verão e tecidos leves no inverno era seguido pelas brasileiras,o que mostra a grande influência que a moda parisiense tinha sobre as mulheres. Uma carta recebida pelo jornal mostra à tentativa de adaptação das tendências as especificidades do Brasil, obviamente sem deixar de lado o que a capital da moda ditava.

> Certo é que as modas parisienses atuais são próprias do inverno, mas respeitando os feitios e disposições que é o que constitui verdadeiramente a moda, podemos aqui executar toilettes semelhantes, mas próprias da nossa estação. Ali é que se revela todo o gosto e engenho da nossa gentil leitora (A ESTAÇÃO, 15 fev.de 1889, p.12).

As autoras da coluna além de trazer o que estava sendo usado em Paris deixava claro que as diferenças principalmente climáticas aconteceriam recorrentemente, mas não atrapalharia a credibilidade da leitura, visto que durante a leitura da folha teriam outras dicas de como utilizar os objetos e peças de roupas ao ambiente tropical.

> Antigamente a moda apenas mudava duas vezes por ano. Em Paris, em Outubro apareciam as pelúcias, os vestidos escuros, as fazendas de lã, os chapéus de veludo, e ao aproximar-se a Semana Santa ideavam-se novos toucados, vestuáriosligeiros e de cores alegres. O que daí resultava para nós era o ridículo, visto como quem queria trajar no rigor da moda tinha forçosamente de morrer de calor em janeiro e constipar-se em junho. Hoje, felizmente, a moda, mesmo em Paris, altera-se de dia para dia; constantemente aparecem novas criações, variegadas combinações as quais, pelo seu grande número e variedade, posto que sempre imaginadas em estações contrárias, fornecem elementos para que, aplicados com inteligência, possamos, aqui, trajar na última moda, fugindo do contra-senso. O jornal de modas brasileiro, pois, que outrora seria uma impossibilidade, é possível hoje. *A Estação* será o primeiro jornal deste gênero. Continua a folha como até agora, no que diz respeito à parte de modas. Claro está que esta parte forçosamente parisiense só poderia colher os seus elementos na capital da moda. Ainda encontrarão as nossas leitoras nas nossas páginas pesados mantos no verão e *toilettes* leves no inverno, porém junto a isso, que não podemos eliminar sob pena de não mais produzir a moda parisiense, encontrarão também todas as explicações que lhe indicarão os meios de tirar alguma vantagem desses objetos, conformando-se com as exigências de nosso clima. Por esse lado continuará o nosso jornal a ser parisiense (A ESTAÇÃO, 15 jan. de 1879, p. 1).

Considerando a inadequação da moda que chegava ao Brasil, “A Estação” também trazia em sua coluna algumas indicações de tentativa de equilíbrio em o que estava sendo usado lá fora com a estação climática atual do país. A autora da coluna aborda o inverno rigoroso em Paris, porém diz no texto que as peças sugeridas não estão de acordo com o clima presente.

> Entretanto o gênio inventivo parisiense está longe de ter esgotado seus recursos; pelo contrario, já começam a apparecer as lãs que cobrirão no próximo inverno e os seus respectivos enfeites; porém não se esquece de que existe um hemispherio oposto, em que o vestuario deverá ser o mais leve quando nós usarmos o mais abafado (A ESTAÇÃO, 15 out.de 1879, p. 1).

Mesmo com a irregularidade climática “A Estação” tentava levar às leitoras as notícias, juntamente com moldes, gravuras, ferramentas que fossem possíveis elas representarem a moda parisiense no Brasil. De alguma forma as brasileiras acabavam tendo que adaptar sem perceber as tendências ao seu contexto, visto que a modelagem era diferente, e timidamente alteravam pequenas coisas para poderem usufruir daquela moda, se sentirem sempre próximas a ideia de elegância.

5.1 CHRONICA ELEGANTE

A “Chronica Elegante” pertencia ao jornal brasileiro e ocupava geralmente as últimas páginas, composta pelo título e com o texto sem nenhuma imagem. No texto tentava transpor à moda de Paris para o Rio de Janeiro, descrevia o que estava sendo usado pelos franceses. Com relação à parte visual a fonte serifada podia sofrer alterações no tamanho, na maioria das vezes era para menor quando o texto era grande e tinha que caber no espaço separado para a coluna.

Imagem 12: Chronica Elegante

12 O ESPELHO.

Chronica elegante.

Já tinha uma chronica em verso sobre modas quando recebi a noticia da chegada do *Oscida*: contente esperava já ter cumprido a minha missão, e eis-me na triste contingencia de repetir o que mandam-me dizer pelo paquete!

Afinal de contas como o que soube foi por um vapor, a vapor irei tambem transmittindo á bella leitora o que lhe possa interessar.

Começarei prevenindo-a de que o tal paquete nada trouxe de novo; estes tem sido naquella parte do mundo, por excellencia innovadora, o espirito indagador de tudo quanto póde ser elegante e apropriado aos salões.

Esperava que o meu correspondente me faria desta vez a mercê do suspirado dos figurinos para as leitoras desta revista. Mas qual!

Uma carta sua que recebemos explica-nos esta falta:

« Meu amigo. — Paris está encapotado; os homens não largam o *sarrout*, e as moças os chales e os *talmes* de cachemira ou velludo: a moda invernou, e não ha quem lhe veja a cara. Fôra por isso impossivel mandar-lhe qualquer noticia nova (bem se vê).

« O inverno em Paris corresponde quasi ao verão no Rio: usa-se aqui de fazendas de lan quando lá deve-se começar a usar as cassas e fazendas mais ligeiras. Queria pois que lhe mandasse a descripção de um desses *toilettes*? Quanto seria ridiculo ver uma patricia sua, com um sempe dessas, trajar um vestido afogado, e ainda por cima dos hombros trazer um chale de lan!

« Por esta razão não lhe mando ainda figurinos: a desculpa é valiosa e será attendida.

« Para não ficar porem cega agua no bico e para não passar que a falta provem do meu pouco zelo, quero sempre dizer-lhe mais duas palavras.

« Este nome—Zuavo—já não exprime unicamente um povo, uma tradição, uma idéa de gloria; encarnou-se no *toilette*, e ahi temos os vestidos, á Zuavo.

« São estes vestidos, meu amigo, os que mais acceitação tem merecido dos parisienses nestes últimos dias. Podem ser de musselina, de cachemira, de velludo, de seda e de panno preto ou mosellado. A saia, quando de musselina, costuma ser ornada de babadinhos até o seu terço superior; e, quando de fazenda mais pesada, com pletamente simples. O corpinho é afogado e abotoado na frente, fingindo *bragues*; em cada apresenta dois bicos, um ao fruto e outro atrás. Quanto a mim, se é que póde ser valiosa tal opinião, pende mais a favor dos *bragues*.

« Ha quem use tambem já daquellas saias com o corpinho de seda.

« Os vestidos de seda, mais proprios para visitas de ceremonia, tem as saias enfeitadas com rendas de Chantilly; estas guarnições começam um palmo logo abaixo do corpinho, e vão progressivamente se alargando.

« Os chapéos são de palha, de velludo, e tambem de nobreza de côr.

« Aqui tem o meu amigo em meia duzia de linhas o que de novo ha no nosso mundo elegante. Se entender que lhe podem servir de alguma cousa estes apontamentos, faça delles o uso que lhe convier. Não repare no prosaico da linguagem nem no laconismo; não sei florear. »

Já vê a leitora que nada mais resta-me a dizer-lhe hoje.

Como penso porem que as nossas modistas devem receber pelo paquete que entrou, e que tambem já ahiu, algum variado sortimento de fazendas, espero que saiam ellas da alfandega, e então na proxima chronica lhe communicarei o que houver vindo de novo.

Não se zangue a leitora comigo, a moda invernou, está encapotada, como muito bem disse o nosso correspondente.

Aos nossos assignantes.

Pedimos aqui desculpa aos nossos assignantes da demora e retardamento da entrega de alguns numeros desta revista. No empenho de cumprir o nosso dever, na tarefa escabrosa do jornalista, temos empregado todos os meios de regularisarmos a nossa empreza, e um dos primeiros cuidados tem sido a boa ordem na entrega do nosso semanario. Apesar disso porem, sendo essas irregularidades inherentes ás empresas nascentes, apesar de grande esforço, continuam independentes de nossa boa vontade e dedicação.

As irregularidades não param aqui; estendem-se ainda ao numero avultado de erros typographicos. Militam aqui as mesmas razões e as mesmas desculpas devem ser acceitas pela benevolencia das leitoras.

E confiados nesta benevolencia que caminhamos cheios de fé e de vontade. Conscios da missão que nos empenhamos, esse cumprimento de deveres, não tem para nós, o alvo do contentamento publico, mas tambem os applausos intimos, e a sancção da nossa consciencia.

Typ. de F. O. Queiroz Regadas

Praça da Constituição n. 9.

1859.

Fonte: “O Espelho”, 13 nov. 1859, p. 12.

Geralmente vinha com uma introdução a respeito de algum assunto mais geral sobre moda e entrava em dicas específicas como, por exemplo, como se vestir em alguma determinada ocasião especial.

> O toillete de noivado usa-se assim: - Um saiote aberto na frente, cercado de fofos, as mangas muito largas, como dissemos na chronica passada, tambem cercadas de fofos semelhantes aos do saiote; sendo as mangas da fasenda do vestido com manguitos; o corpinho é feixado com cabeção que vem até o cinto, onde se prende por um laço de fitas, cujas pontas prendem ao comprido do vestido. O véo preso á cabeça pela corôa das noivas cahe pelos hombros (O ESPELHO, 11 de set. de 1859, p. 11).

A coluna era assinada por M.J, algumas vezes as iniciais do autor ou autora da coluna não era publicado. No mesmo texto da citação anterior, do dia 11 de setembro de 1859, é escrito que não se encontra esses trajes somente em Paris e é passado os endereços de outras lojas no Brasil. “Na rua de S. Pedro n. 126, casa do Sr. Gaspar da Silva Guimarães, a leitora poderá reconhecer toda a verdade do que agora estou dizendo. O Sr. Gaspar acaba de fazer a acquisição de tres artistas recentemente chegados de França e de Inglaterra, que consta-nos serem peritos na sua arte” (O ESPELHO, 11 de set. de 1859, p. 12). Muitas vezes é citada a Rua do Ouvidor, que ficava no centro do Rio de Janeiro, o local das lojas.

É possível perceber a tentativa do texto em tentar mostrar que à moda de Paris podia ser consumida em endereços que ficavam no próprio Rio de Janeiro, não havia dificuldades de adquirir os produtos. A elite podia ver nas páginas do jornal e já saber onde poderia comprar a peça ou como ela deveria ser feita, esse direcionamento era um diferencial na coluna.

Pela leitura das colunas percebe-se que “O Espelho” possivelmente tinha uma espécie de jornalista correspondente em Paris que mandava as gravuras e tendências para serem redigidas pelo jornal brasileiro. “O nosso correspondente esqueceu-se completamente das leitoras do Espelho e de mim. Nenhum figurino mandou desta vez;” (O ESPELHO, 16 de out. de 1859, p. 12). Estas tendências eram transcritas por outra pessoa que fazia a coluna, interessante notar que nessa mesma publicação é contado que já que o correspondente não mandou as informações ele conseguiu com amigos que passavam pela cidade francesa. Percebe-se a intensa dependência ao conteúdo de Paris, era uma oportunidade de falar sobre os costumes locais, por exemplo, mas não era o que acontecia, buscavam-se logo novas fontes que poderiam trazer os dados da Europa, estes sim eram considerados credíveis.

O texto era bem descritivo, enaltecia a mulher com elogios e de certa forma aumentava sua autoestima.O autor falava com intimidade com o público feminino, usava o recurso de deixar a leitura mais próxima aos leitores, afinal era uma coluna

fixa, presente em todas as edições então como o contato era semanal, era como se já conhecesse as leitoras. O dado em que o texto jornalístico é bem próximo do literário pode ser visto claramente na coluna, às vezes com até certo exagero no uso de metáforas e outras figuras de linguagem. “Saúda o sol quando nasce, com a divinal harmonia, e quando tombar o occaso, ele perdendo a alegria, também exprime a tristeza em merencoria a poesia” (O ESPELHO, 13 de nov. de 1859, p. 11).

Como mencionado no livro “Imagem e Moda”, volume 3 do autor Roland Barthes, ele faz referência a essa linguagem que induz uma relação entre o conceito que seria o substantivo da frase, o complemento com a forma que é a característica, o nome do objeto dito entre um significante e um significado. “(...) é como se a revista de moda ligasse certo domínio (festa diurna, frescor normando) a um outro domínio (tecidos quentes e leves, forma envolvente e elegante) por um procedimento elementar de significação” (BARTHES, 2005, p. 308). O vestuário significa algo naquela comunidade e acaba sendo um significante para um grupo que deseja obter aquele signo. São jogos de palavras que mantem uma retórica que traz qualidades de uma moda exportada.

A linguagem escrita consegue produzir uma espécie de aura nas roupas que passam a ser sinônimos de progresso. Cria-se um signo de transformação, a moda era capaz de auxiliar nas mudanças, o que gera o sentimento de necessidade do consumo, não somente pelo material, mas pelo valor que viria agregado.

O vestuário descrito na coluna já era direcionado para um determinado grupo, aquele que quando usasse as peças traria significado para quem o visse, e que poderia ser vislumbrado por outras pessoas, afim de gerar a imitação. Com a necessidade de consumir algo novo para tentar se diferenciar, o setor foi ganhando importância no mercado, movimentava a economia.

Durante a leitura mesmo sendo um jornal brasileiro é possível também encontrar influências bem explícitas da capital francesa como palavras, expressões e endereços da capital francesa. Contava como era a sociedade em Paris com a intenção de que ela era o referencial a ser seguido.

O vestuário é um objeto mais que material por isso sua grande relevância nos periódicos. É ao mesmo tempo histórico e social, participava do cotidiano das pessoas. Ele definia quem era aquele individuo em um determinado grupo,

caracterizava o seu exterior e por ser tão incisivo foi consumido desmedidamente mesmo que de uma cultura francesa.

Na crônica conseguíamos perceber como a burguesia deveria se vestir até porque as classes mais altas é que tinham condição financeira de seguir o que estava descrito nos jornais e também que eram o exemplo social. O objetivo era se vestir civilizadamente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento desse trabalho pretendi mostrar através das colunas de moda “Chronica da Moda” e “Chronica Elegante” suas peculiaridades para perceber como essas novidades chegavam até a mulher brasileira. Através de indícios no texto e na sua construção do visual apontei aspectos que faziam da moda cópia de Paris, mas em alguns casos vemos uma branda adaptação dela ao contexto do país tropical.

A “A Estação” composta de imagens vindas de fora trazia aspectos de outra cultura para próxima das mulheres cariocas. As figuras diziam muito, eram o reflexo de como a sociedade deveria se comportar. Já “O Espelho” mesmo com a ausência de imagens tentava trazer aspectos próximos da rotina dos brasileiros, com textos que contavam o que estava sucedendo no país. Tinha um trabalho interessante na parte de diagramação e na disposição do tema dos textos até para ele não se tornasse monótono. Ressalto também o autor ou a autora da crônica sobre moda, mesmo acompanhando o que estava sendo lançado no estrangeiro podia deixar estes dados mais próximos da realidade do Brasil.

Os textos de ambos na maioria das vezes debatiam temas que levavam a ideia da estruturação do país, textos civilizadores que ditavam como deveria ser a “boa sociedade”. Os jornais funcionavam como uma espécie de manual de etiqueta que ditava como é preciso ser, e a elite precisava ler, afinal consumia os periódicos. Não se sentia inferior por isso, na verdade queria absorver os ensinamentos para estar próximo do que era considerado referencial.

A linguagem geralmente vinha no modo imperativo e estava presente nas crônicas de moda expressava conselho, uma orientação que soava praticamente como uma ordem do correto. A elite que era a maior parte de leitores, possivelmente aceitava os costumes prova disso é que os jornais sobreviveram no mercado por um tempo e por isso tinham credibilidade, era um dos únicos meios de conhecimento de notícias em língua portuguesa circulando no País.

A imprensa que mediava a moda parisiense que chegava ao Brasil, se não fosse pelos veículos impressos dificilmente a mulher teria contato com as novidades, a não ser que fosse viajar para fora do país. Se não fosse assim, para obter informações constantemente atualizadas teria que ser por meio dos periódicos. A

leitura levava-a para fora da sua rotina doméstica, aumentava a capacidade de percepção e a fez participar mais da sociedade.

Os jornalistas tentavam destacar a ideia de civilização em seus textos, mostravam a importância que as reformas tinham para a formação da cultura. “(...) não consideravam o afrancesamento do Rio apenas como um conjunto saudável e eficiente de novas vias, mas também como símbolo e instrumento da reabilitação do país e de um futuro “civilizado (isto é, europeu)” (NEEDELL, 1993, p. 68).

Para “civilizar” era preciso mudar, viver de acordo com os padrões europeus. Eram crenças que criavam em torno do ser uma civilização, os periódicos traziam textos com referências à França de maneira bem explícita assim como já vimos.

No entanto percebemos em alguns trechosque os autores ou as autoras tentavam lembrar que vivíamos no Brasil e não em outro país. Então alertavam sobre a diferença de clima, que não necessariamente era preciso a cópia autentica das modas, afinal o Brasil fica em outro hemisfério.

A moda era uma espécie de ritual, as indumentárias do Segundo Reinado mesmo vindas de outro país participaram de um tempo histórico que ficou marcado naquela sociedade brasileira. A roupa historicamente falando, surgiu com objetivo de proteção, pudor e adorno, com o tempo sua função continuou sendo a mesma, no entanto os recursos foram sendo aprimorados, o Brasil começou a ter contato com uma moda mais estabelecida e concreta através dos veículos que traziam o que há de novo.

> (...) proteção contra as intempéries, pudor (para ocultar a nudez), adorno (para se fazer notar). Isso é válido. Mas é preciso acrescentar outra função que me parece mais importante: a função de significação. O homem vestiu-se para exercer sua atividade significante. O uso de um vestuário é fundamentalmente um ato de significação, além dos motivos de pudor, adorno e proteção. É um ato de significação, logo um ato profundamente social, alojado no próprio cerne da dialética das sociedades (BARTHES, 2005, p. 364).

As roupas que vinham descritas caracterizaram e serviram de significante para a história da época. Mostravam o espírito de uma instituição que vislumbrava a civilização em tudo que não estava no país, o que era essencialmente europeu era o bem a ser consumido.

As colunas em seus textos mostravam uma moda já pré-concebida com ideias de como as mulheres deveriam se vestir para ser aceito no sistema. Uma

moda arbitrária vinda de Paris em que os brasileiros simplesmente consumiam. Eram costumes e formas de se vestir que eram fixas iguais para todos e se fugissem das quase regras, se tornariam apenas mais um naquele ambiente.

> (...) tudo o que é dito pela revista de moda como traço virtual de significação, transformar esses comentários em material significante e incorporá-los em minhas classes formais: onde eles, aliás, se acomodam muito bem, e o levantamento dos puros significantes de moda coincidirá, com poucas diferenças, com levantamento dos significantes particulares. Assim se garante um inventário bem amplo, porém homogêneo (BARTHES, 2005, p. 331).

A moda engessada sem muitas alterações conseguia ser modificada por algumas leitoras que tinham que buscar os próprios instrumentos no país o que acaba tendo que sofrer certas adaptações mesmo que pequenas. Os traços dos desenhos que vinham nos periódicos não mudavam, porém com o desejo de se diferenciar no meio a busca por novidades fez com que os autores trouxessem novas tendências.As vestes parisienses marcaram o Segundo Reinado no Rio de Janeiro, foram verdadeiros signos que eram usados de maneira natural, como se já estivesse internalizado no cotidiano das pessoas.

REFERÊNCIAS

A ESTAÇÃO. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1879 – 1904.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org). História da vida privada no Império. In: _____. **Vida privada e ordem privada no Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. v.2. p. 11-93.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Trad. Isabel Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1978.

_____. **Inéditos:** imagens e moda. Volume 3. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

CARDOSO, Rafael (Org.). **O design brasileiro antes do design:** aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naif, 2005.

CRESTANI, Jaison Luís. **O perfil editorial da revista A Estação:** Jornal Ilustrado para a família. 2007. 353 f. (Tese de doutorado) - Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis, São Paulo, 2008.

HEYNEMANN, C. B.; RAINHO, M. do C. T.; CARDOSO, R. (Orgs.). **Marcas do progresso:** consumo e design no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

KNAUSS, Paulo. Introdução. In: KNAUSS, Paulo et. al. **Revistas Ilustradas**: modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011. p.07-14.

O ESPELHO: Revista semanal de literatura, modas, indústria e artes. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. Fac-simile de: O Espelho: revista semanal de litteratura, modas, indústria e artes por F. Eleuterio de Sousa. - Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paulo-Brito, 1869.

O ESPELHO: Revista semanal de literatura, modas, indústria e artes. Edição fac-similar (1859-1860). Organização de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

MALTA, Marize. Fundo, detalhe e satisfação visual: decoração doméstica em A Estação. In: KNAUSS, Paulo et. al. **Revistas Ilustradas**: modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011. p.91-104.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas:** a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

NEEDELL, Jeffrey. ***Belle Époque* tropical:** sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Claudia de. Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado. In: KNAUSS, Paulo et. al. **Revistas Ilustradas**: modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011. p.157-172.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda:** novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Do livramento ao Cosme Velho: o Rio de Machado de Assis. In: **Ipotesi**: Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora: EDUFJF, v.2 (2° sem. 1998), n.2, p.9-29.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Moda e literatura: o caso da revista A Estação. 26f. (Artigo) – **IARA**: Revista de Moda, Cultura e Arte – São Paulo, 2009.

SOUZA, Gilda e Mello. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TEIXEIRA, Ivan. **O altar e o trono**. Campinas: Unicamp, 2010.